

OLISIP

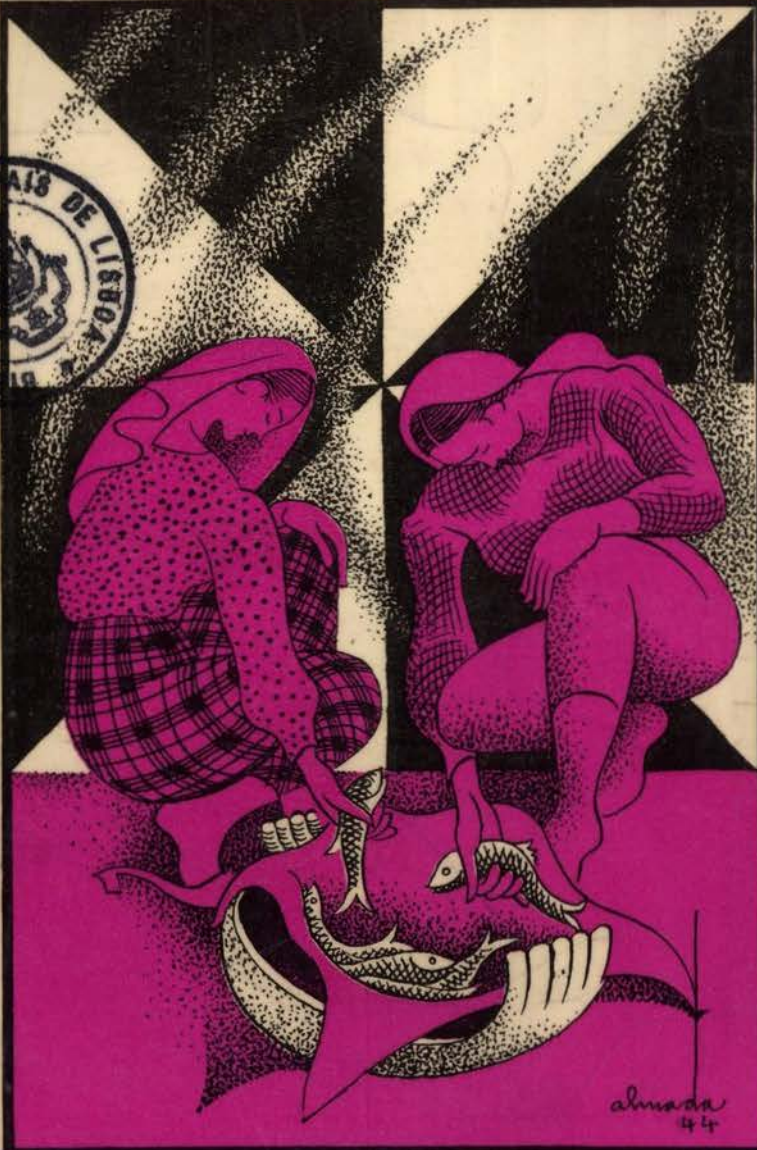
BOLETIM DO
GRUPO

"AMIGOS DE
LISBOA"



ANO X
N.º 38

ABRIL
1947



COURAÇA

TORNA OS DENTES BONITOS



CAPTAÇÕES
DE ÁGUA
SUBTERRÂNEA



FUNDAÇÕES
DE TODOS
OS GÉNEROS

(Um quarto de século de especialização técnica)

Empresa de Sondagens e Fundações

TEIXEIRA DUARTE, L.^{DA}

Rua da Betesga, 57, 3.º, Esq.

LISBOA

CASA AFRICANA

Rua Augusta, 161/Telef. 2 4264-65 P. B. X./LISBOA
Rua Sá da Bandeira, 166/Telef. 1361 P. B. X./PORTO

Secções de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes, Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria, Luvária, Perfumaria e todos os artigos para

HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

Preços fixos e marcados em todos os artigos
ON PARLE FRANÇAIS ENGLISH SPOKEN

Empresa Insulana de Navegação

CARREIRAS REGULARES ENTRE LISBOA, MADEIRA E AÇORES

Saídas em 8 de cada mês para: Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Pico (Lages) e Faial.

Saídas em 23 de cada mês para: Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), Pico (Cais), Faial, Corvo e Flores (Lagens e Santa Cruz).

A escala da Ilha do Corvo só se efectua nos meses de Junho, Julho, Agosto e Outubro, tocando também o vapor naquele porto no mês de Fevereiro, só para troca de correspondência e serviços de passageiros.

A G E N T E S

EM LISBOA

GERMANO SERRÃO ARNAUD

Carga e passagens de 3.^a classe
Avenida 24 de Julho, 2, 2.^o
Telef. 20214/15.

Passagens de 1.^a e 2.^a classes
Rua Augusta, 152
Telef. 20216

NO PORTO

J. T. PINTO VASCONCELOS, LIMITADA

Na Madeira

BLANDY BROTHERS & C.^o L.^{da}

Em Ponta De'gada

BENSAÚDE & C.^a, L.^{da}

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS CRÉDITO E PREVIDÊNCIA

ESTABELECIMENTO AUTÓNOMO DO ESTADO

Serviços anexos { CAIXA NACIONAL DE CRÉDITO
CAIXA NACIONAL DE PREVIDENCIA

TELEFONE (P. B. X.) 31981 a 31989

Depósitos à Ordem e a Prazo — Empréstimos hipotecários e sôbre penhor de Títulos — Operações de transferências e cobranças — Empréstimos sôbre penhor de Ouro, Jóias e Pratas pela Casa de Crédito Popular — Empréstimos agrícolas e industriais pela Caixa Nacional de Crédito

FILIAIS EM TODAS AS SEDES DE DISTRITO
Agências e Delegações nas sedes de Concelho

Companhia do Papel do Prado

S. A. R. L.

**Proprietária das Fábricas do Papel do Prado e Marianaia (Tomar),
Penedo e Casal Ermio (Lousã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha)**

Premiada em tódas as exposições a que tem concorrido:

Medalhas de Ouro: Exposição Universal de Paris de 1900,
Universal dos Estados Unidos do Brasil de 1908 e
Industrial Portuguesa de 1929

**Execução rápida de papéis em todos os géneros, tendo
sempre em armazém papéis para todas as aplicações**

Especialidade em papéis de máquina contínua,
de escrever, de impressão, manilhas, afiches
e imitação de «Couché»; Papel de côr para
capas; Papéis de embrulho; Papel Kraft; Vegetal;
Papelão palha; Papéis de máquina redonda
almaçoes, Leornes, mezenas, etc. À venda em todos
os estabelecimentos de papelaria e armazéns

Telefones: DIRECÇÃO 2 3623 — Armazém 2 2332

Escritório 2 2331 — Do Estado 188

Rua dos Fanqueiros, 270 a 278-2.º 49, Rua Passos Manuel, 51
Escritório e Depósito: SEDE

LISBOA

PORTO

Esta revista é impressa em papel da
COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

CIMENTO TEJO

CANTARIAS—MÁRMORES

ANTÓNIO MOREIRA RATO & F.^{os}, L.^{da}

Telefone 60879

Telegramas — RATOFILHOS

Avenida 24 de Julho, 54-F.

LISBOA

Dominguez & Lavadinho, L.^{da}

PAPELARIAS

nacionais
e estrangeiras

FABRICA de
sobrescritos, ma-
nipulação de pa-
péis de escrever
e sacos de papel



**TINTA DE
ESCREVER**

nacionais
e estrangeiras

**PAPÉIS QUÍMI-
COS**, lápis, arti-
gos de escritório
e de desenho

SEDE: Rua da Assunção, 79 a 85 e Rua dos Sapateiros, 135 a 143

Telefones: 2 5201 / 02

FABRICA: Av. Casal Ribeiro, 18 a 25 — LISBOA

OS PRODUTOS DA

COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

SÃO OS PREFERIDOS PELO FUMADOR EXIGENTE

PICADOS: «Superior», «Francês», «Virgínia», «Duque», «Holandês» e «Águia»

CHARUTOS «Peraltas» CIGARRILHAS: Gamas, Avis, Diana, Legionários, Eureka, Menta, Lusos, Provisórios, Sporting, Navalistas, Elegantes, Turquesas, Tip-Top, Tagus, Sereias, Sado, Ases, Sagres, Chic, Lisboa, P. Peitoral

CIGARRILHAS DE CAPA DE TABACO: «Mimosos»

São marcas da **COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS**

Arrendatária das Fábricas e marcas de Tabacos do Estado

Edições da "PORTUGALIA"
sobre Lisboa



A CARAVELA E OS CORVOS

por *SUSANNE CHANTAL*. — Os oito séculos da história da Capital, num encantador livro de 500 páginas

30\$00

A NOSSA LISBOA

por *MATOS SEQUEIRA* e *PASTOR DE MACEDO*. — Prémio «Júlio de Castilho» da C. M. L.

40\$00

GUIA E PLANTA DE LISBOA

por *NORBERTO DE ARAÚJO* e *ANTONIO SOARES*.

Edição portuguesa **12\$00**

Edição francesa **15\$00**

Edição inglesa **15\$00**



A' venda em todas as livrarias

AO PEDIR

ÁGUA MINERAL

PEÇA



LEVE, ESTOMACAL, LÍMPIDA

Efeitos imediatos na digestão

— À venda em toda a parte —

LÂMPADAS

LUMIAR

ENAE

MOTORES ELÉCTRICOS — TRANSFORMADORES — GERADORES

ADQUIRIR O NOSSO MATERIAL É GARANTIA DE OBTER MATERIAL DE QUALIDADE SUPERIOR

EMPRESA NACIONAL DE APARELHAGEM ELÉCTRICA
T.I.C. 51177-42178
AVENIDA 24 DE JULHO 158 - LISBOA

Fabrico nacional

MÓVEIS DE MADEIRA
PARA ESCRITÓRIO

SEMPRE EM EXPOSIÇÃO
ORÇAMENTOS GRÁTIS

**THE MODERN
OFFICE, L.^{TD}**

Telef. 2 3465

Rua do Alecrim, 107 — LISBOA

Oferta
27. JUL. 1988

ANO X

ABRIL DE 1947

NÚMERO 38

OLISIPO

DIRECTOR: MATOS SEQUEIRA

EDITOR: FRANCISCO VALENÇA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

— REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA GARRETT, 62, 2.º — TELEFONE 25711 —
 COMP. E IMP. NA «EDITORIAL IMPÉRIO, LIMITADA»-R. DO SALITRE, 153-TELEF. 53173-LISBOA

SUMARIO



- ASCENDENTES DE CAMILO, por *Luís Pastor de Macedo*

- A IGREJA PAROQUIAL DE S. CRISTÓVÃO DE LISBOA por *Eugénio Sobreiro de Figueiredo da Silva*

- 1.ª CONFERÊNCIA BIENAL DOS «AMIGOS DE LISBOA»

- TEATROS DA NATUREZA, tese apresentada pelo *Prof. Armando de Lucena*

- ESQUEMA DE UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DE LISBOA, tese apresentada pelo *Dr. Luís Chaves*

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA A TODOS OS SÓCIOS
 OS ARTIGOS AQUI PUBLICADOS SÃO DE EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DOS SEUS AUTORES

OLISIPO

OLISIPO is a...
...
...



...
...
...

...
...
...

...
...
...

...
...
...

ASCENDENTES DE CAMILO

por LUIZ PASTOR DE MACEDO

(Conclusão)

Mas voltemos a D. Rita Teresa, avó que foi de Camilo.

Deixando-se seduzir pelo Juíz de Fora de Cascais, como há muito se sabe e como já aqui se disse, teria sido pelo correr da devassa que aos actos do magistrado fora ordenada, e pela attitude que ele teria tomado até se ducidir em desposá-la, que ela começaria a ver em que mãos tinha caído. E após o casamento, eis que desaba sobre seu marido o processo posto judicialmente a correr por sua tia, sua antiga amante, e à custa de quem, parece, ter suprido as suas faltas pecuniárias. E vem o processo de partilhas pela morte de seu pai, perante o qual o dr. Domingos José, segundo declara sua sogra, quer locupletar-se com o que lhe não pertence, e vem a seguir mais outra demanda, e depois outra e outra, e vêm declarações falsas, assinadas por seu marido, em documentos dirigidos às instâncias officiais, etc., etc.

A mulher faz o marido e este faz a mulher, diz-se. Mas, neste caso, apesar de Camilo nos ter garantido que a estupidez era o forte de seu avô, foi este — vá lá seguir-se a lógica nestas coisas — quem fez a mulher. Por isso, no processo instaurado contra ele, em virtude do seu comportamento como Juíz de Fora de Viseu, cargo para que fora nomeado no fim da vida, como já dissemos, e do qual tomara posse no dia 30 de Junho de 1803, vemos que sua mulher foi acusada de conivente nas suas trapacices. Lá estão os depoimentos dos queixosos e das testemunhas a berrarem-nos que afinal tão bom era um como o outro.

O *Doutor Bexiga* faleceu — diz-nos o seu assento de óbito já reproduzido pelo sr. dr. Ludovico de Meneses no seu *Camilo* — em Vila Real, no dia 23 de Junho de 1809, deixando cinco filhos vivos — D. Ana Rita, D. Maria Violante, D. Rita, Manuel e Simão. Sua viúva aparece já naquele documento com o nome de D. Rita Preciosa da Veiga Castelo Branco, nome que usou até à sua morte.

«Curioso é ver como um mau pai gera por vezes maus filhos e como um mau exemplo gera outros maus exemplos, contaminando o meio e as pessoas, como um miasma que se levanta do chão mortífero de um paúl e inquina uma população, uma cidade». Isto foi escrito pelo

autor de *Camilo* — *documentos e factos novos*, a propósito do processo instaurado em Viseu contra o avô paterno do romancista, e no qual vão de cambulhada com ele, sua mulher, como dito é, e seus filhos. Fazemos nossas tais palavras, não só pensando na mulher do bacharel e em seus filhos, como também em suas filhas, D. Rita e D. Maria Violante, solteironas que, afinal, nos saíram de marca maior em leviandade. De se lhes tirar o chapéu! No entanto, a bem dizer, a culpa não lhes pertencia, mas sim a seus pais, pelos exemplos que lhes davam duma vida a transbordar de maroteiras e sempre na estrada larga da dissipação. Lá está o ditado de nossos avós a certificar-nos da grande verdade: — *casa de pais, escola de filhos*.

O documento que vamos transcrever, não o transcreveríamos se a sua publicação pudesse alterar, com menos benevolência, o juízo que está formado de há muito, com respeito àquela desgraçada família; como esse perigo, porém, não se corre, e têm sido muitos os documentos, vindos a lume, que têm posto a moral daqueles Correias Botelhos a pão e laranja, aqui o deixamos, para ser aproveitado no processo patológico do nosso Camilo.

Esse documento teve origem numa queixa de D. Rita Preciosa, apresentada à Polícia em 1811 contra suas filhas Rita e Maria, e tem a data de 2 de Agosto daquele mesmo ano. Diz textualmente:

«A queixa que faz D. Ritta Preciosa da Veiga Castello Branco contra suas filhas D. Maria e D. Ritta se acha verificada nos inclusos autos (1).

«Esta viúva honesta e nobre se vê por ellas offendida na honra. Abandonadas a paixões sordidas, e libidinosas se não peção de acompanhar-se noute e dia com homens da plebe cúmplices dos seus vícios; e já tiverão o arrojo de espancar sua May por se oppor à devassidão da sua conducta.

«A clausura no Recolhimento das Convertidas de Braga hé huma medida dictada pela honra materna atosmente offendida, e meio de tirar ao publico hum semelhante escandalo, e o castigo mais honesto que se pode dar a tão inconsiderada leviandade. Hé porem necessario, que antes de se verificar a clausura se lhe assegurem os alimentos necesarios para a sua subsistência.

«V. A. R. se servirá determinar o que for servido» (2).

Teriam dado entrada no recolhimento? Não teriam? Nada mais conseguimos apurar, embora algumas diligências para isso tivéssemos

(1) Não os encontramos.

(2) Está a fl. 290 do *Liv. XII de contas para as diferentes Secretarias do Estado*. Intendência Geral da Polícia. Deu-nos notícia deste documento o nosso amigo Sr. Matos Sequeira.

feito; mas estamos em crer que aquelas *donzelinhas* já passantes dos trinta anos, teriam continuado a gozar da rica liberdadezinha, como melhor lhes aprouve, e por fim — Deus nos perdoe se o juízo não tem cabimento — talvez com o beneplácito materno. É que D. Rita Preciosa, de índole dissipadora, tinha uma grande preocupação: aguentar-se o melhor que podia e sabia nos balanços da administração da sua casa, cada vez mais comprometida.

Decorrem alguns anos e, em 1824, D. Rita, que estava em Vila Real, vem por aí abaixo até Lisboa, e acomoda-se em casa de seu filho Manuel, na rua da Rosa, e isto «para poder seguir de perto a acção que ia intentar contra o seu sobrinho Joaquim José de Proença, tenente-coronel do regimento de infantaria 16, ao Vale de Pereiro, por este ter ficado, por morte de sua tia, Ana Joaquina, irmã de D. Rita, na posse da totalidade dos bens da falecida, sem dar contas aos demais coherdeiros» (1).

O processo foi instaurado, as folhas de papel selado foram-se enchendo, as notificações judiciais foram devidamente feitas, mas a certa altura — nada é para admirar naquela família — D. Rita Preciosa estabelece um acôrdo com o sobrinho, e, como tinha de estar zangada com alguém, zangou-se com o filho, em consequência do que deixa a casa da rua da Rosa e vai viver, em companhia daquele, para o quartel de Vale do Pereiro.

E qual o motivo da zanga? Vamos já sabê-lo:

«A causa daquela zanga entre a mãe e o filho — explica-nos o dr. Ludovico de Meneses — fora a seguinte. D. Rita era gastadora, como mais tarde havia de vir a ser o seu neto Camilo, e perdulária como o foi o seu bisneto Nuno, filho daquele, herdando-lhe ambos a tara mórbida. Não havia dinheiro que lhe chegasse e o melhor da casa fora-se já escoando nas suas mãos, espatifado em doidices de velha. Porque, tinha D. Rita setenta e seis anos, quando veio de Vila Real a Lisboa, residir com o filho na rua da Rosa, pelo motivo já indicado, e em tão avançada idade ainda *queria foliar*, como consta do processo...

«Dos bens que herdara do marido parece que apenas restavam, à altura da sua vinda para Lisboa, em 1826 [aliás em 1824], escapados à voragem da dissipação, umas modestas casas em Vila Real e a quinta de Montezelos. O mais tudo fora devorado. As casas quiz ela logo vender para acudir aos seus apertos de dinheiro, venda resolvida talvez por ela de combinação com os filhos, Manuel e Rita, únicos sobreviventes dos herdeiros do *Brocas*. Do Simão não havia notícias, os mais tinham morrido.

«Esta combinação, que supomos ter existido entre a mãe e os

(1) *Camilo*, dr. L. de Meneses, vol. I, pág. 141.

filhos para os efeitos da venda do prédio, depreende-se..., das alegações do advogado de defesa de D. Rita, constantes de uma das peças do processo que correu, quando, roto o acôrdo feito entre as partes, vieram as deligências e a questão teve de ser levada aos tribunais pela forma como a velha senhora se dispunha a fazer a partilha do produto da transacção, reservando para si a parte do leão caçador, em que ficava quase com tudo, a título de ser, primeiro, mãe e herdeira, depois usufrutuária do marido, e, por fim, porque se os dois filhos assim o não quizessem, com ela teriam de se haver.

«Positivamente a partilha de leão, como se vê.

«Os filhos recalitraram, porém, contra esta resolução da mãe e forma absorvente e absurda com que ela pretendia esbulha-los, bem convencida de que, se estivessem pelos seus ajustes depressa viriam a ficar sem a casa e sem o dinheiro da venda» (1).

Aí tem o leitor o motivo do litígio. No entanto, seu filho Manuel, justificando a saída da mãe de sua casa, disse, por intermédio do seu advogado, «que a razão daquela retirada fora o facto de não encontrar ela na casa da rua da Rosa divertimentos e sociedades». Depois de velha, gaiteira.

Daí a alguns tempos D. Rita morria, e o processo foi dado por findo.

E já que falámos no falecimento desta senhora temos de dizer ao leitor que ela faleceu duas vezes, em dois dias diversos, em freguesias diferentes e portanto em casas diferentes também. Ora veja.

Aqui está o 3.º livro de óbitos da parochial de S. Mamede. A fls. 263 v. lê-se :

«Aos vinte e oito dias do mês de Novembro de mil oito centos vinte e seis nesta Parochial de S. Mamede, faleceu sem Sacramentos, D. Ritta Precioza da Veiga Castello Branco, viuva do Doutor Domingos Jozé Correia Botelho, moradora no Quartel de Val de Pereiro, e está sepultada nesta Igreja. De que fiz este assento que assinei — O Prior Jozé Mauricio de Carvalho».

Aqui está também o 9.º livro de óbitos da parochial das Mercês, onde a fls. 61 se lê:

«Aos vinte e nove de Novembro de mil oito centos e vinte e seis, falleceo sem Sacramentos: D. Rita Thereza Margarida Castello Branco, viuva do Doutor Domingos Jozé Correia Botelho, moradora na rua

(1) *Camilo*, Vol. I, pág. 149.

da Procissão n.º 34, sepultada na Freguezia de S. Mamede. — O Prior João Camillo».

Explicamos assim o caso: moradora em companhia de seu sobrinho no quartel de Vale de Pereiro, pouco tempo antes do seu falecimento — quem sabe se por ter-se zangado novamente com ele — deixa aquela companhia e aloja-se na rua da Procissão (actual rua Cecílio de Sousa), no antigo n.º 34, prédio que na quaresma daquele ano de 1826 era ocupado por Manuel dos Santos e sua mulher Maria Inocência, e por José António Melquiadas e sua mulher Carlota Emilia (¹). Poucos dias passados faleceu (talvez repentinamente se atendermos a que não recebeu os últimos Sacramentos), e daí a duplicação do assento de óbito. O prior das Mercês registou o passamento por que na realidade ele se teria dado na paróquia; o de S. Mamede registou-o por que a defunta, ao tempo da sua morte ainda era tida como moradora na sua freguesia.

E quando se teria dado o falecimento? A 28 ou a 29? Talvez por volta da meia-noite de 28 e portanto o desencontro de datas existente.

Por este tempo, quando D. Rita Teresa Margarida Castelo Branco, que também dava pelo nome de D. Rita Preciosa da Veiga Castelo Branco, deixou o mundo, depois de uma vida agitadíssima, Camilo, seu neto, a cujo nascimento ela assitira, tinha de vida um ano, oito meses e doze dias.



3.º ponto:

«Talvez no Paço Velho, onde nasceu seu filho, Simão Botelho».

Nestas palavras está a afirmação de que Simão Botelho, aquele que segundo Camilo, «amou, se perdeu e morreu amando», nasceu no Paço Velho da Ajuda, mas a verdade é que esta afirmação nunca foi provada. O que até aqui podia haver era apenas uma suposição, cuja paternidade pertence a Artur Lamas, mas nunca uma certeza, conforme vamos ver.

«Simão Botelho, o do *Amor de Perdição*, nasceu no ano de 1784, em Lisboa, na freguesia de Nossa Senhora da Ajuda; mas em que ponto? Em que ponto nasceu este degenerado vulgar que o génio de Camilo mágicamente transformou num desgraçado mártir do *amor* cuja sorte horrível milhares de vezes tem feito confranger e arripiar

(¹) *Rois das desobrigas*, da freg.ª de S. Mamede.

os corações sentimentais portugueses? Nalgum casebre humilde onde, de noite, se ouvissem as risadas sinistras das corujas que esvoaçavam pelos claustros dos Jerónimos a agourarem a mãe aflita, e cuidadosa, o destino cruel do pequerrucho? Nalguma casa rica que na Primavera fosse bafejada pelo aroma forte das plantas exóticas do Jardim Botânico! Cá em baixo na Junqueira? Para os lados do Bom-Sucesso? Nalgum ponto elevado de onde se divisassem, ao longe, os contornos das casas e dos campanários da cidade velha a destacarem-se no azul do céu, a rendilhada Torre de Belém, a praia do Restelo, os montes da Outra-Banda, os campos de Monsanto, e a barra do Tejo com o seu Bugio solitário?»

Esta série de perguntas foi feita por Artur Lamas ao começar o seu estudo intitulado *Em que casa nasceu Simão Botelho?* (1).

Em seguida, o saudoso cronista do sítio da Junqueira, pincela numa tela maneirinha a freguesia da Ajuda de 1784, refere-se logo depois a alguns factos ocorridos no ano em que nasceu o protagonista do *Amor de Perdição*, e passa a conversar assim com o leitor:

«Para resolver o problema [da casa onde nasceu Simão] a primeira fonte a que recorri foi o assento de baptismo, o qual, pela indicação dada por Camilo numa nota do *Amor de Perdição*, onde vem em parte transcrito, facilmente se encontra no arquivo dos cartórios paroquiais, em S. Vicente. Depois consultei os livros dos arruamentos para as décimas da freguesia da Ajuda, relativos aos anos de 1783 e 1784-85. Percorri esses livros folha por folha, e nome por nome, e em nenhum deles vi indicado o nome do pai de Simão Botelho, o Dr. Domingos José Correia Botelho, como morador em qualquer casa de freguesia» (2).

Logo a seguir transcreve o assento de baptismo (nota n.º 5) do mesmo Simão, e acaba por pôr a hipótese do Paço Velho da Ajuda ter sido o seu berço:

«Este assento prova, portanto, à evidência que os pais de Simão Botelho moravam na freguesia da Ajuda quando este nasceu. Como pode, pois, explicar-se que o nome do Dr. Domingos José Correia Botelho não figure como morador na freguesia nos livros dos arruamentos? A meu ver por forma muito simples: é porque o Dr. Domingos Botelho e sua mulher se achavam, então, hospedados em casa de pessoas

(1) Pág. 9.

(2) Pág. 23.

amigas. E quais poderiam ser essas pessoas senão as escolhidas para apadrinharem a criança?

«Se a análise gramatical do assento de baptismo não permite que se tire outra conclusão que não seja a de que só os padrinhos moravam no Paço Velho, pode, contudo, supor-se que a ideia do redactor do assento foi a de abranger na expressão: *todos moradores... no Paço Velho*, não só os padrinhos como também os pais.

«Há, portanto, fortes presunções de que Simão Botelho nasceu na casa em que viviam os padrinhos, isto é, no Paço Velho da Ajuda.

«Note-se que o nome do Sargento-mor, Simão Martins, também não figura nos livros dos arruamentos porque morava em casa da Rainha (1).

E a terminar, com a mão na consciência, declara:

«Como se vê não resolvi o problema, pois apenas consegui chegar à suposição de que Simão Botelho nasceu no Paço Velho da Ajuda, e que este estava situado a poente do que ardeu em 1794. Será assim?» (2).

Ora depois de Artur Lamas, que sabemos, mais ninguém tentou resolver o problema, pelo que, logicamente, se Artur Lamas não o resolveu, ele tem estado até agora por resolver. Assim, afirmar-se que Simão Botelho nasceu no Paço Velho da Ajuda, é ter-se como certo o que ainda não fôra devidamente averiguado e que não passava de simples hipótese.

Aliás, é justo deixar-se consignado, que, com os elementos de que dispôs Artur Lamas, a querer-se chegar a admitir uma hipótese, talvez não se pudesse admitir outra que não fosse a que o erudito e probo investigador admitiu.

Pois senhores: — foi o nosso amigo e erudito investigador e historiador, sr. Mário de Sampaio Ribeiro, que um dia, por desfastio e depois de ter folheado os rois das sobregas da freguesia da Ajuda, trouxe a público a solução do problema. Não que o caso lhe merecesse uma atenção especial e portanto no seu estudo se tivesse enfronzado, não. Mas atirou com a sua meia certeza e não há dúvida que acertou.

Foi em 1933, e o local onde a coisa se estampou foi o n.º 46 de *O Comércio da Ajuda*, saído a 8 de Julho daquele ano.

Ali sê fantasia, entre o estralejar de foguetes e o repicar de sinos, o que teria sido o baptizado do Simãozinho, quais os comentá-

(1) Pág. 25.

(2) Pág. 28.

rios que teria provocado nos assistentes, quais as guloseimas que o padrinho, o já nosso conhecido Simão Martins ⁽¹⁾, teria atirado à desenfreada garotada, etc., e a certa altura diz: — «Moravam os cônjugues na Calçada da Ajuda, paredes meias com o respeitável reposteiro pação, sr. Paulo Martins, cujo nome, graças a Deus, ainda perdura na esquina de uma travessa. (Nota n.º 17).

Mas como se tratava duma meia certeza, isto é, da conclusão a que chegara sem aprofundar o assunto, pouco depois, em 1935, no mesmo jornal e no número saído em 5 de Janeiro, Sampaio Ribeiro, com a honestidade que todos lhe reconhecemos, dá de novo a notícia, mas com a reserva que entendeu dever pôr. Disse então:

«O sr. Paulo Martins era reposteiro do paço. A sua casa ainda hoje conserva a feição pombalina inicial, apenas alterada pela frente de uma alfaiataria que ocupa a loja. Foi, segundo creio, nas águas-furtadas deste prédio que nasceu Simão Botelho, o protagonista do célebre romance de Camilo Castelo Branco, «Amor de Perdição».

Anos depois, em trabalho de responsabilidade — *A Calçada da Ajuda* — a reserva já posta, com mais razão devia subsistir, e por isso, Sampaio Ribeiro, na página 40, diz-nos:

«Depois, voltam prédios e mais prédios até a *Travessa de Paulo Martins* — nome de um reposteiro da Casa Real, que era dono do edifício, ainda existente na esquina setentrional, em cujas águas-furtadas deve ter vindo a este mundo Simão Botelho, o famoso protagonista do não menos famoso «Amor de Perdição».

Pois nós, por nossa vez, não hesitamos em substituir aquele *deve ter vindo*, por um peremptório *veio*. Sampaio Ribeiro, com o seu *olfacto*

(1) Em 1772, Simão Martins, sua mulher Rita Joaquina e seus filhos, moravam, segundo os rois, ao «fundo da rua de Santa Ana», hoje rua Aliança Operária, e nesse mesmo ano requereu ao sr. Cardial Patriarca para que nos livros paroquiais da freguesia da Ajuda se abrissem de novo os assentos de baptismo de quatro de seus filhos baptizados na Santa Igreja Patriarcal. Eram eles Ana, nascida a 9 de Abril de 1759 e baptizada a 24 do mesmo mês;

Rodrigo, nascido a 7 de Junho de 1760 e baptizado a 21 do mesmo mês;

António, nascido a 20 de Abril de 1767 e baptizado a 3 de Maio do mesmo ano; e

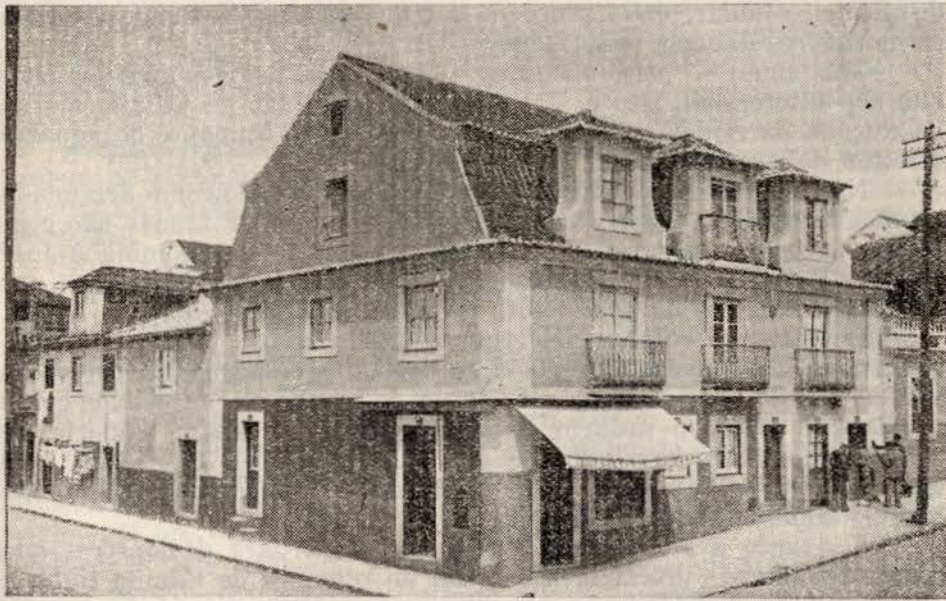
João, nascido a 18 de Junho de 1768 e baptizado no mesmo mês, no dia 26. (L.º XII de bap.mºs, fls., 156 v. e 157 — Ajuda).

Além destes filhos, o nosso sargento-mor Simão Martins, pelo visto amigo de certa intimidade do avô de Camilo, teve, de sua mulher, pelo menos mais três filhos: Maria Isobel, Joaquim José e José António, isto segundo os rois dos confessados, os quais ainda o dão em 1777, como morador ao fundo da rua de Santa Ana.

esquadrinhador e a sua experiência nas longas caminhadas através da Investigação, tocara na Verdade. Só no que não acertou foi em pensar que Simão Botelho nascera nas águas-furtadas, quando estas deviam ser, por completo, ocupadas pelo referido Paulo Martins e seus numerosos familiares. Quanto a nós, o dr. Domingos José Correia Botelho mais a sua Rita, ocuparam um dos lados do 1.º andar.

Em duas palavras aí vai o que apurámos:

Já dissemos lá para trás, que era muito possível, que em Julho ou Agosto de 1782, o dr. Domingos José e sua mulher habitassem uma



A casa onde nasceu Simão Botelho

casa do lado poente da calçada da Ajuda, casa, onde, com certeza, lhes nasceu, no dia 13 de Março de 1783, seu filho Diogo. E porquê dissemos nós que o casal habitava na calçada da Ajuda e numa casa do seu lado poente? Por que o assento de baptismo do referido filho diz que moravam naquela calçada e por que os rois das desobrigas declararam que a casa era no seu lado poente. O mesmo se declara nos rois dos anos de 1784 e 1785, e em todos eles se aponta, logo a seguir ao dr. Domingos José, o já nosso conhecido Paulo Martins, «reposteiro da Câmara de Sua Magestade». E assim temos que, sabendo-se em que casa morou Paulo Martins, vem a saber-se onde teriam morado os avós de Camilo e, portanto, onde nasceu Simão Botelho.

Mas para chegarmos a uma certeza completa tivemos então de confrontar o que nos confidenciavam os rois das desobrigas e os livros das décimas da freguesia da Ajuda, e verificámos pelos segundos que o reposteiro do paço ocupava, com grande séquito de familiares, as águas-furtadas da sua propriedade e pelos primeiros que o dr. Domingos José Correia Botelho era mencionado logo a seguir aos ocupantes das lojas e do «quarto esquerdo» da mesma propriedade, e antes, como já dissemos, do nosso Paulo Martins. Logo, o dr. Domingos José, morava no mesmo prédio em que morava o «reposteiro da câmara de Sua Magestade» e decerto no «quarto direito», ou seja no lado direito do primeiro andar, dada a ordem por que são relacionados nos rois, os moradores daquela propriedade.

Mas então — perguntar-se-á — nos livros das décimas dos anos que nos interessam, isto é, dos anos em que o avô de Camilo morou na calçada da Ajuda, não se declara quem era o ocupante do «quarto direito» da propriedade de Paulo Martins?

Não senhor. Esse lado do primeiro andar é dado como arrendado a um «*Pretend.º*», e aqui está a razão por que Artur Lamas não conseguiu encontrar nos referidos livros o nome do dr. Domingos José Correia Botelho, e de congeminação em congeminação acabou por aventar a hipótese do nascimento de Simão no Paço Velho da Ajuda.

Devemos no entanto dizer que o citado andar, lado direito, daquela casa, continuava arrendado ao mesmo *pretendente* já depois do avô de Camilo ter deixado a calçada da Ajuda, do que inferimos que o *pretendente* seria o próprio Paulo Martins, que assim disporia do andar como muito bem quisesse sem dar satisfações à Fazenda, mas também sem se eximir ao pagamento da décima correspondente ao aluguer anual fixado em 24\$000 réis.

E quanto a nós, o que aí fica, já chega para demonstrar que Simão Botelho — precisamente o que no romance de Camilo tinha a «demência da dignidade» e que «por amor dessa dignidade se perdeu» (!!!) — não nasceu no Paço Velho, mas sim na calçada da Ajuda, na casa que hoje tem o n.º 131, possivelmente no lado direito do primeiro andar, e que então pertencia ao reposteiro do paço Paulo Martins (1).



E antes de terminarmos, aproveitando o ensejo, mais duas palavras sobre outros Correias Botelhos, também moradores na freguesia da Ajuda.

(1) Paulo Martins foi casado com Ana Joaquina e teve, pelo menos, uma filha que em 6 de Julho de 1777 foi baptizada com o nome de Maria. Foram seus padrinhos o Príncipe da Beira e a Princesa do Brasil.

Diz deles Artur Lamas :

«Alguns Botelhos que por lá moravam, o brigadeiro Valério Correia Botelho (1784/87), Manuel Correia Botelho, criado da Rainha, e Vitoriano Correia Botelho, também criado da Rainha, nenhum parentesco tinham com este [dr. Domingos José Correia Botelho], segundo creio» (1).

Do brigadeiro nada sabemos, mas do Vitoriano e do Manuel alguma coisa nos revelaram os registos paroquiais, os rois das desobrigas, os livros das décimas e até os livros de consultas e decretos da Câmara Municipal de Lisboa; e da circunstância de serem também de Vila Real, do seu termo, freguesia de S. Lourenço de Riba Pinhão, somos levados a admitir a hipótese de que estes Correias Botelhos, pertenciam a um dos ramos do tronco de onde brotaram os antepassados de Camilo.

E nessa persuasão, aproveitamos a oportunidade, e vamos aqui estampar as notícias, que, respeitantes àqueles paroquianos de Nossa Senhora da Ajuda, se nos depararam. Aliás, o tempo que vamos tomar, pouco será.

Foi no dia 13 de Fevereiro de 1757 que Vitoriano Correia Botelho, de certo já empregado no Paço Real, natural da citada freguesia, e filho de Manuel Vilela e de Maria Correia, se casou na igreja paroquial de Nossa Senhora da Ajuda, com Teresa Rosa Joaquina ou Teresa Rosa de Jesus, natural e baptizada em S. Miguel de Palhacana, termo de Alenquer. As testemunhas foram o dr. fr. Caetano de S. José, do convento graciano de Lisboa, fr. Agostinho da Silva, também do mesmo convento, e João Afonso, sacristão da referida paroquial. Os nubentes eram moradores na freguesia da Ajuda (nota n.º 18), provavelmente um deles na casa da *Calçada*, onde, pouco depois, vamos encontrar o casal instalado, e com este, José Correia Botelho e Manuel Correia Botelho, irmãos do Vitoriano (2). A casa de morada seria já porventura, a casa térrea, do lado poente da calçada Nova (que é o mesmo que dizer da calçada da Ajuda), que vemos pertencer em 1773 ao Vitoriano (3).

Do casamento nasceu no dia de Natal, do mesmo ano de 1757, um filho que no dia 1 de Junho do ano seguinte, foi baptizado com o nome de Manuel, o nome de um dos tios. (Nota n.º 19). E que saibamos mais nenhum rebento houve do casal.

Este Manuel, por sua vez, casou em 14 de Outubro de 1777, na paroquial de Santos, com D. Luísa Eugénia Rosa de Sousa Vieira Monte, filha do capitão Carlos António Ferreira Monte e de sua mu-

(1) *Ob. cit.*, pág. 25.

(2) *Rois de desobrigas*, vários anos.

(3) Livro das décimas do referido ano.

lher D. Maria Rosa de Sousa, moradora na mesma freguesia de Santos. Foram testemunhas Bartolomeu Aranda, o pai do noivo, e o já nosso conhecido dr. fr. Caetano de S. José. A mulher de Vitoriano aparece já com *dom.* (Nota n.º 20).

Os noivos ficaram residindo na mesma freguesia, talvez na casa de morada da noiva, e tiveram, pelo menos, os seguintes filhos:

Teresa, nascida a 16 de Setembro e baptizada a 29 do mesmo mês; moravam os pais na rua Direita de S. João de Deus, hoje rua Presidente Arriaga, e foi padrinho o dr. José Monteiro de Carvalho e Oliveira, de quem daqui a pouco teremos de falar;

José, nascido a 22 de Abril de 1785 e baptizado a 13 de Maio do mesmo ano; os pais são dados como moradores às Janelas Verdes e foi padrinho o sargento-mor José Teixeira Pilão;

Carlos, nascido a 1 de Outubro de 1787 e baptizado a 18 de Novembro seguinte; os pais continuam a morar às Janelas Verdes, e foi padrinho o Príncipe D. José, sendo seu procurador o Marquês de Marialva D. Diogo José Vito de Meneses; e

Francisca, nascida a 18 de Outubro de 1789 e baptizada no dia seguinte; os pais são dados como moradores na rua Direita da Pampulha e foi padrinho seu avô paterno. (Nota n.º 21).

De Manuel Correia Botelho, de sua mulher e de seus filhos, nada mais sabemos, mas de seu pai viemos a saber mais alguma coisa.

O seu emprego no Paço era o de reposteiro do número e a este juntava o de meirinho do Senado da Câmara de Lisboa, lugar em que sucedeu a Luís Pedro de Almeida Campos. O nosso Vitoriano Correia Botelho acumulava. Pelos vistos, pertencesse ou não ao mesmo tronco dos antepassados de Camilo, a sofreguidão de dinheiro manifestada por este Correia Botelho era a mesma que vemos manifestar-se nalguns dos do ramo do grande romancista. Em 1792, por exemplo, não se cansa ele de pedinchar, primeiro ao presidente do Senado, que por sinal era o Marquês de Castelo Melhor, depois à própria Rainha, para que o seu ordenado anual de 200\$000 réis, como meirinho da cidade, fosse augmentado. E as alegações, como não podia deixar de ser, eram em barda. Adiante se transcrevem os requerimentos e o parecer do Senado da Câmara. (Nota n.º 22).

Por esta altura encontrava-se já no estado de viúvo, tendo sua mulher D. Teresa Rosa Joaquina, falecido na freguesia da Ajuda, no dia 25 de Março de 1790. (Nota n.º 23). Mas quatro anos passados ainda casou pela segunda vez. Foi a desposada D. Leonor Damiana Pardal, filha de Pedro Braulio Pardal e de D. Mariana Leopoldina Portelli, dos Pardais que deixaram o seu apelido agarrado à travessa do Pardal, da freguesia da Ajuda. A cerimónia efectuou-se no oratório das casas do pai da noiva, «no alto da rua do Cruzeiro», no dia 10 de

Junho de 1794, e dela foram testemunhas o dr. José Monteiro de Carvalho e Oliveira e João de Sousa Carvalho. (Nota n.º 24).

Do casamento ainda nasceu, a 15 de Abril de 1795, um filho que foi baptizado com o nome de José no dia 25 de Maio seguinte (nota n.º 25), e é este o último facto conhecido da existência do reposteiro da Casa Real e do ganancioso meirinho do Senado da Câmara de Lisboa. Em 1796 já não é mencionado nos rois das desobrigas da freguesia da Ajuda.

Dos irmãos — o José e o Manuel — que em 1757, viviam, como dissemos, com o Vitoriano, o primeiro esteve ali até 1759 e o segundo durante mais algum tempo.

Este casou aí por 1769, ou pouco antes, com uma Ana Joaquina que pelo apelido não perca, e foi viver para uma casa da calçada da Ajuda que constava de loja e um andar e que já então, ou pouco depois, lhe pertencia, e era toda ocupada por ele. Foi aqui, quando Manuel Correia Botelho era já dado também como reposteiro da Casa Real, que faleceu sua mulher em 26 de Novembro de 1776 (nota n.º 26), de quem, parece, não teve filhos.

Teve-os, porém, do segundo casamento, efectuado em 15 de Janeiro de 1782 no oratório da casa de morada do dr. José Monteiro de Carvalho e Oliveira, a qual era a chamada *Casa da Peça*, antiga *Casa da Bombarda*, a que deu o nome á antiga rua da Bombarda e que ficava ao cimo da actual rua Maria da Fonte, ao Bairro Andrade. A noiva era D. Ana José Cândida Efigénia Monteiro de Carvalho, nascida a 21 de Setembro de 1767 na freguesia de S. José e na sua parochial baptizada no dia 13 de Outubro do mesmo ano (nota n.º 27), filha do citado dr. José Monteiro de Carvalho e Oliveira e de D. Ana Joaquina Rosa de Viterbo, ao tempo do casamento já falecida. (Nota n.º 28).

Os filhos foram os seguintes:

Maria, nascida a 23 de Dezembro de 1783 e baptizada a 5 de Janeiro do ano seguinte; foi padrinho o Rei, por seu procurador D. José de Lencastre;

Joana, nascida a 15 de Junho de 1787 e baptizada no dia 23 do mesmo mês; foram padrinhos o Príncipe D. José, por seu procurador o Conde de Sampaio, e a Princesa D. Maria Benedita por seu procurador o Conde de S. Vicente;

Josefa, nascida a 18 de Junho de 1796 e baptizada a 7 de Julho do mesmo ano; foram padrinhos o dr. João Luís Monteiro de Carvalho e Oliveira e D. Maria Francisca da Piedade Caldeira Gorjão, por seu procurador o beneficiado Joaquim José Anastácio Monteiro de Carvalho e Oliveira;

Joaquim, nascido a 16 de Outubro de 1798 e baptizado a 15 de

Novembro seguinte; foram padrinhos o já referido beneficiado Joaquim José Anastácio de Carvalho e Oliveira e D. Francisca Xavier de Paula, por seu procurador o dr. beneficiado José Joaquim Monteiro de Carvalho e Oliveira; e

Francisco, nascido a 21 de Setembro de 1800 e baptizado a 28 de Novembro do mesmo ano; foram padrinhos José Monteiro de Carvalho e Oliveira e Clara Joaquina do Carmo, por seu procurador Joaquim José Anastácio Monteiro de Carvalho. (Nota n.º 29).

Destes filhos de Manuel Correia Botelho, só da primogénita temos depois notícia, a qual, já falecido o seu pai, casou em 27 de Janeiro de 1811 com Francisco Xavier de Sales Pinto de Mesquita, filho do desembargador Francisco Manuel Pinto de Mesquita, ao tempo já defunto, e de D. Isabel Teresa Teles e Faria de Mesquita. O casamento celebrou-se na igreja dos Anjos e dele foram testemunhas o beneficiado Luís Venceslau Duarte Sales e João Luís Monteiro de Carvalho e Oliveira, tios dos noivos. (Nota n.º 30).

O desembargador Francisco Manuel Pinto de Mesquita, que era natural de Vinhais e filho de Manuel Lobato de Oliveira e de D. Antónia Bernarda Caetana de Mesquita, casara em 2 de Janeiro de 1769, no oratório das casas de Estevão da Silva Dinis, no campo de Santa Ana, sendo ela natural da freguesia de S. Julião, de Lisboa, e filha de Veríssimo Duarte e de Margarida Antónia de Faria. Morava ele, ao tempo, na freguesia de S. Nicolau (nota n.º 31), mas depois do casamento veio o casal habitar uma casa na rua da Bombarda, na freguesia dos Anjos, onde lhe nasceram o já nosso conhecido Francisco Xavier, baptizado no dia 30 de Junho de 1783, Luís Agostinho, que faleceu muito novo, e Luísa Margarida, baptizada no ano seguinte, em 4 de Julho, e que em 27 de Novembro de 1809 casou com João Félix de Alpoim, filho de Francisco José de Figueiredo e de D. Maria Antónia de Alpoim.

A casa do desembargador Pinto de Mesquita tinha uma grande quinta, «com todos os cómodos e oficinas, com muita água, grandes parreiras, chão para horta e árvores de caroço». Anunciava-se o seu arrendamento em Outubro de 1812.

O desembargador tinha falecido com 75 anos no dia 24 de Fevereiro de 1810.

Voltando aos Correias Botelhos só nos resta dizer que D. Ana José Cândida Efigénia Monteiro de Carvalho e Oliveira, viúva de Manuel Correia Botelho, faleceu em 16 de Maio de 1816 na casa da sua morada na calçada do Forno do Tijolo, actual rua Maria da Fonte (nota n.º 32), e portanto na *Casa da Peça*, segundo conclusão lógica, ou seja na casa que fora habitada por seu pai, o dr. José Monteiro de Carvalho e Oliveira.

Este tinha casado duas vezes: a primeira com D. Ana Joaquina Rosa de Viterbo, que faleceu na citada casa em 29 de Setembro de 1776 e da qual teve, que sabemos, D. Ana José Cândida, depois casada, como se disse, com Manuel Correia Botelho; a segunda com D. Joana Rita do Carmo Caldeira Gorjão, de quem teve, pelo menos, quatro filhos, a saber:

Joaquim, nascido a 11 de Março de 1873 e baptizado no dia 19 do mesmo mês; foi padrinho frei André de Santa Rosa de Viterbo, que também foi padrinho dos seus irmãos;

Maria, baptizada em 31 de Setembro de 1787;

Rosa, baptizada a 29 de Abril de 1791; e

Joana, nascida a 28 de Abril de 1793 e baptizada no dia seguinte.

D. Joana Rita do Carmo Caldeira Gorjão faleceu em 21 de Junho de 1805, e seu marido, o dr. José Monteiro de Carvalho e Oliveira, em 12 de Setembro de 1817, um e outro na *Casa da Peça*.

Lisboa, 18 de Outubro de 1946.

NOTAS

N.º 1 — Por estar esgotado o volume dos *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, onde se publicou o estudo do sr. dr. Durval Pires de Lima, intitulado *Domingos Correia Botelho, pretendente*, dele reproduzimos a seguir o documento a que no texto fazemos referência:

«Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. — Tanto que cheguei á V.^a de Cascaes no dia 26 do corrente, fiz prender o Alcaide Luiz José Dezerto, remetendo-o a seguro para a Cadea da V.^a de Oeyras e sahir logo de toda a sua Jurisdição o Juiz de fora da mesma V.^a, tudo na forma do Avizo de V. Ex.^a do dia antecedente; e passando a indagar os factos comprehendidos na Conta do Comandante do Regimento daquela Praça procedi ao Sumário junto, do qual se mostra que na noute do dia sinco do prezente mez antes de tocar a recolher passando casual e pacificamente o Pifano Jozé Nunes pella porta do Alcaide tocando em huma viola, este lhe sahira ao encontro enfadandose, e dizendo q. lhe largase a dita viola, o Pifano lhe duvidara fazer, porem sem excesso, nem ainda de palavras, o que não obstante se lançou a elle, e encontrando-o contra a parede, o fez cahir, vindo arrastalo mais sua propria mulher pella porta dentro, a qual logo fixou, e se pôs a querer atar-lhe as maos, e a dar-lhe, o que continuoo athé depois de estar totalmente seguro, por forma tal, que o lançou no chão, e chegou a mover a piedade da dita sua mulher, que lhe pedia suspendesse aquelle rigor, o que tudo milhor se vê das testemunhas... e sendo conduzido á Cadea pello dito Alcaide, e dois criados do Juiz de fora que para esse fim mandou chamar, visto não ter achado outro algum official, que lhe auxiliasse a deligencia, lhe declarou o assento à ordem do mesmo Juiz de fora, aonde esteve tres dias, como consta alem do Sumario da C.^{am}... quando a ter merecido a prizão devera ser logo entregue ao seu Comandante na forma da Ley, e das Ordens, que clarissimamente tem estabelecido os lemites entre as duas Jurisdições Militar e Civil.

«Não satisfeita a paixão do mencionado Alcaide naquella injusta prizão, e indigno, e reprehensivel modo com que a praticou, pertendeo no dia seguinte fazer daquelle pequeno cazo hum crime de Leza Magestade de segunda cabeça, pois recorreo ao Juiz de fora pella Petição... que o Pifano lhe havia rezistido formalmente, ferindoo em hum dedo com os dentes, e alcansando o despacho nella posto procurou testemunhas que aceleradamente principiou a dar, sendo a primeira hum preto criminoso, e porisso delle dependente, e a segunda hum rapas, e os seus ditos são os que vão no mesmo Apenso... que combinados com o que depozerão perante mim... fazem huma grande diferenca, e se conhece o fingimento, e malicia com que o Alcaide obrou nesta diligencia. Ultimamente não se procedeo no seguimento da devassa pella cauza apontada na c.^{am}... do referido apenso, pello que chegou a ponto de totalmente não poder deixar de ver o Juiz de fora o engano, e excesso daquelle Official, e se contentou com simplesmente o reprehender na presença do Escrivão da devassa, e de mandar entregar o prezo ao seu Comandante, procurandoo primeiro para esse fim, o qual tanto que o recebeo o enviou para o Hospital por necessitar sangrar-se, em razão das pancadas que havia recebido. Os mais factos de passar o dito Menistro

de noute pella Guarda Principal, não fazer alto, quando a Sentinella aviza para o acustumado conhecimento de quem passa, e tratar as Pessoas que reconhece, e manda reconhecer nas rondas com menos decencia, he tudo nascido da incivildade do seu modo, da ardencia do seu génio, e da demaziada consideração com que preza o lugar que ocupa.

«Hé o que achei e posso informar V. Ex.^a que rezolverá o que for servido.

«Belem 30 de Setembro de 1771.

«Ant.^o Joaq.^m de Pina Manique».

N.^o 2 — «Aos trinta dias do mes de Outubro de mil setecentos setenta e hum de comissão, e em virtude de hum Decreto do Ex.^{mo} Senhor Cardeal Patriarcha, em minha prezença, e das testemunhas abaixo assignadas se receberão por marido e mulher como manda a Santa Madre Igreja Romana na forma do Sagrado Concilio Tridentino e Constituições deste Patriarchado o B.^o Domingos Jozé Correia Botelho solteyro filho legitimo de Manoel Correia Botelho e de D. Luiza Maria de Carvalho e Menezes, natural e baptizado na Freguezia de S. Pedro de Vila Real, Arcebispado de Braga, morador na Freguezia de Nossa Senhora da Assumpção da Vila de Cascaes, e se desobrigou nesta Freguezia as Quaresmas dos anos de setenta e setenta e hum; com D. Rita Thereza Margarida Castello Branco, solteira filha legitima do Cappitão Jozé Pereira da Silva e de D. Thereza Ignacia Joaquina Castello Branco, natural, e baptizada na Freguezia sobredita de Nossa Senhora da Assumpção, aonde he moradora, e se desobrigou as Quaresmas passadas; e com hum alvará do R.^{do} Dez.^{or} Joaquim Salter de Mendonça, Juis dos Casamentos neste Patriarchado perante quem o contrahente justificou ser livre, e desempedido na dita sua Patria, e em vertude de huma Remissão de sua Em.^a o dpençava dos banhos della, e por Decreto do mesmo Em.^{mo} Senhor se recebeu a contrahente por procuração; e de como se receberão na forma sobredita corridos os mais banhos do estilo sem impedimento, fis este assento sendo testemunhas Manoel de Gouvea e Thomas Jozé, moradores nesta Freguezia. — O R.^{or} José Joaq.^m Galh.^{do}. (Liv. VIII de casamentos, fl. 82, freguesia da Ajuda).

N.^o 3 — «Aos vinte e seis dias do mes de Junho de mil e setecentos e setenta e dous annos de minha licença baptizou o P.^o Pedro Pires Nunes a Jozé que nasceu a quatorze do corr.^{to} filho do D.^r Domingos Jozé Correa Botelho e de D. Rita Teresa recebidos e moradores nesta freg.^a forão Padrinhos Jozé Pereira da Sylva por seu Procurador o R.^{do} Frey Jozé de Santo António, e D. Thereza Ignacia Joaquina Castello Branco por seu Procur.^{or} Fr. Gaspar dos Arcanjos: — O R.^{or} Jozé Joaq.^m Galh.^{do}. (Liv. XII de bap., fl. 30, freg.^a da Ajuda),

N.^o 4 — «Em os dezouto dias do mes de Agosto de mil e setecentos e setenta e outo annos de noute faleceu da vida prezente com todos os Sacramentos Jozé Pereira da Silva cappitão reformado do Regimento desta Praça e Villa de Cascaes, morador na rua direita donde faleceu destricto desta freguezia de Nossa Senhora da Assumpção Matriz desta dita Villa, e Praça de Cascaes deste Patriarchado da Corte e Cidade de Lisboa casado com Dona Thereza Ignacia Joaquina de Castelo Branco, está sepultado dentro no Convento de Nossa Senhora da Piedade dos Religiosos Carmelitas descalços desta sobredita Villa, e Praça de Cascaes, e fês testamento de mam comua com a dita sua molher, em cuja nomeação hũ a outro o que primeiro supervivese por testamenteiro, e por morte de ambos a seu filho o Doutor Francisco Pereira de Mesquita. — O Reytor Manoel Marçal da Silveyra». — (Liv. III de óbitos, fl. 48, freg.^a de N. S.^a da Assumpção, de Cascais).

N.º 5 — «Aos trinta e hum dias do mez de Março de mil sete centos oitenta e tres; de licença minha baptizou o R.º P.º Manoel Dias de Carvalho a Diogo, que nasceu a treze do prezente mez, filho do Doutor Domingos Jozé Correa Botelho Menezes e de Dona Rita Thereza Margarida Castello Branco, recebidos nesta Freguezia, e nella moradores na calçada da Ajuda; forão padrinhos o Ex.º Conde de Catanhede; por seu procurador o Sargento Mor Simão Martins, moradores nesta Freguezia, e Nossa Senhora da Boa-hora. — O R.º Herculano Henrique Garcia Camilo Galhardo». (*Liv. XIV de bap.* fl. 81 v., freg.ª da Ajuda).

N.º 6 — «Aos dous dias do mez de Março de mil sete centos e oitenta e quatro; poz os Santos Oleos o R.º P.º Cura João Domingues Chaves a Simão, o qual foi baptizado em caza em perigo de Vida pelo R.º Frey Antonio de Sam Plagio sacristão Mor do Convento dos Religiosos da Boa-hora, filho do Doutor Domingos Jozé Correa Botelho; e de sua mulher Dona Rita Thereza Margarida Castello Branco, recebidos e moradores nesta Freguezia; forão padrinhos o Sargento Mor Simão Martins, e Dona Rita Joaquina Rosa por seu procurador seu filho Jozé António Martins, todos moradores nesta Freguezia no Paço Velho. — O R.º Herculano Henrique Garcia Camilo Galhardo». (*Liv. XIV de bap.*, fl. 159 v., freg.ª da Ajuda).

N.º 7 — «Aos dezaseis dias do mes de Abril de mil sete centos noventa e dous de licença minha poz os Santos Oleos o Reverendo Padre Luis Antonio Martins a Luíza que nasceo a outo de Março proximo passado, filha do Doutor Domingos Jozé Corrêa Botelho, e de sua mulher Dona Rita Thereza Margarida Castello Branco recebidos nesta Freguezia e moradores na rua da Paz; a qual foi baptizada em perigo de vida pelo Reverendo Padre Fradique Pinto Alcanforado morador nesta Freguezia forão Padrinhos o Reverendo António Jozé Pereira de Brito Prior da Freguezia de São Pedro de Villa Real por seu Procurador o Sargento Mor Simão Martins morador nesta Freguezia, e Maria Magdalena Angelica moradora em Villa Real, por seu Procurador Frey Jozé dos Remédios, Religiozo dos Agostinhos Descalços. — O R.º Herculano Henrique Garcia Camilo Galhardo». (*Liv. XVI de bap.*, fl. 220 v., Ajuda).

N.º 8 — «Aos quinze dias do mes de Junho de mil sete centos noventa e tres faleceo Luiza, menor, filha do Doutor Domingos Jozé Corrêa Botelho, e de sua mulher Dona Rita Thereza morador na rua da Paz; foi sepultada nesta Igreja. — O cura Luis Antonio Martins». (*Liv. VII de óbitos*, fl. 240 v., freg.ª da Ajuda).

N.º 9 — «Em o pr.º de Julho de mil seiscentos nov.ª e quatro nesta Igr.ª Matris de Nossa Sñ.ª da Asunpsão recebeo a porta da Igr.ª da minha L.ª o p.º Diogo Miz figr.ª a D.ª pereira f.ª de greg.º pr.ª e de sua m.ª Agueda Dias natural da Ilha do pico. Com franc.ª dos Anjos f.ª de M.ª Jorge e de sua m.ª M.ª franc.ª desta freg.ª por marido e m.ª como manda a S.ª M.ª Igr.ª sem embargo de que o Contrahente não tivesse banhos do seu natural; porq.º aprezentou dispensa do Juis dos cazam.ª e em tudo me disse guardando o que manda o Sagr. Conc. Trid. e Const. de noso Arcebispo sendo test.ª Gaspar Botelho meirinho dos clerigos nesta V.ª e Au.ª Machado andante desta Igr.ª e por verd.ª asinarão aqui comigo dia ut supra. — M.ª Fer.ª das Neves». (*Liv. I de casamentos*, fl. 46, freg.ª de N. S.ª da Assunção, de Cascais).

N.º 10 — «Em treze de Março de mil e sete centos e hum bautizei a Joseph f.ª de D.ª per.ª e de sua m.ª franc.ª dos Anjos P. Joseph franc.º tio do bauti-

zado. — M.^o ferr.^a Neves» (*Liv. de bap. de 1693 a 1725*, fl. 38, freg.^a de N. S.^a da Assunção, de Cascais).

N.^o 11 — «Em treze do mes de Jan.^o de mil e sette centos e trinta e cinco annos pos os Sanctos [Ólecs] o R.^{do} R.^{or} desta Igr.^a Rosendo Jozé Telles a Franc.^o o qual tinha sido baptizado em caza, que nasceo a vinte e sete de Dezembro, filho de Jozé Pereyra da Silva, n.^{al} desta V.^a e de sua m.^{or} Thereza Ignacia de Castello Branco, n.^{al} da Cid.^o de Lix.^a foram P. P. o Ben.^{do} M.^o Soares da Costa, tocou em seu nome com procuração Anastacio Joachim Monte Furtado, e D. Joanna Roza da Silva — O Cura Euphrazio Manso». (*L.^o II de bap.*, fl. 101 v., freg.^a de N. S.^a da Assunção, de Cascais).

N.^o 12 — «Em vinte e sinco do mes de Junho de mil e setecentos e quarenta e quatro annos baptizei a Anna q̄ nasceo a vinte do d.^o anno Filha do Tenente Joseph Pereira natural desta freg.^a e de Thereza Ignacia de Castello Branco natural da freg.^a de Santos da Cid.^o de Lisboa e foram recebidos em a freg.^a de S. Joam de Porto de Mós Bispado de Leiria. P. P. o D.^{or} Manoel de Oliveira Pinto e Franc.^o Pereira da S.^a tocou com procuraçam de D. Roza digo D. Joanna Roza Sylva — O R.^{or} Rozendo Joseph Telles». (*Liv. III de bap.*, fl. 43 v., freg.^a de N. S.^a da Assunção, de Cascais).

N.^o 13 — «Em des do mes de Janeiro de mil e sete centos e quarenta e oito annos baptizei sub condicione a Rita por ter sido baptizada em caza pella Parteira e haver duvida, Filha do Tenente Jozé Pereira da Sylva natural desta freg.^a e de Tereza Ignacia Castello Branco baptizada na freg.^a de Santos da Cid.^o de Lisboa e foram recebidos na freg.^a de S. João de Porto de Mós. P. P. o D.^{or} Manoel de Oliveira Pinto e Anastacio Joachim com procuração de D. Joanna Roza da Sylva — O R.^{or} Rosendo Joseph Telles». (*Liv. IV de bap.*, fl. 10 v., freg.^a de N. S.^a da Assunção, de Cascais).

N.^o 14 — «Em nove de Novembro de mil e sete centos e sincoenta annos baptizei a Fran.^a q. nasceo a vinte e sinco do mes antecedente Filha do Tenente Joseph Pereira da Sylva baptizado nesta freg.^a e de Thereza Ignacia Joachina de Castello Branco baptizada na freg.^a de Santos da Cid.^o de Lisboa e foram P. P. o Dez.^{or} Manoel de Oliveira Pinto e Anastacio Joachim tocou com procuraçam de D. Joanna Roza Silva. — O R.^{or} Rozendo Joseph Telles». (*Liv. IV de bap.*, fl. 56 v., freg.^a de N. S.^a da Assunção, de Cascais).

N.^o 15 — «Em os quatro dias do mes de Janeiro de mil sete centos secenta e seis annos de tarde no oratorio das cazas do cappitão reformado do Regimento desta Praça e Villa de Cascais assistente em a rua da Amoreira lemite desta freguezia de Nossa Senhora da Assumpção Matriz desta Villa de Cascaes, em minha presença e na do Doutor Antonio dos Santos Barbosa Vigario de Vara desta dita Villa se receberão por palavras de presente por marido e molher assim como manda a Santa Madre Igreja Romana Jozé Joaquim Proença e S.^a Alferes do Regimento desta Praça e Villa de Cascaes, filho do Cappitão de Mar e Guerra Felipe Francisco de Proença e Silva natural da Villa da Covilham Bispado da Guarda, e de sua molher Camilia do Couto do Espirito Santo, já defunta, natural da Cidade de Gôa donde foi baptizada, e donde forão recebidos, sendo elle Contrahente natural da Villa das Caldas da Raynha freguezia Matriz de Santa Maria do Populo donde foi baptizado, veuvo de Dona Marianna Joaquina Roza de Castello Branco, sendo morador nesta freguezia de Nossa Senhora da Assumpção Matriz desta Villa de Cascaes donde se

desobrigou as quaesmas proximas passadas. Com Donna Francisca Julianna de Castello Branco filha legitima de Jozé Pereira da Silva capitão reformado do Regimento desta Praça e Villa de Cascaes natural desta dita freguezia Matris desta dita Villa de Cascaes donde foi baptizado e de sua molher Donna The-reza Ignacia Joaquinna de Castello Branco natural da Cidade de Lisboa fregue-zia de Santos Velhos donde foi baptizada, sendo recebidos na freguezia de São João de Porto de Mós Bispado de Leiria, sendo a Contrahente natural desta dita freguezia Matris desta sobredita Villa de Cascaes donde foi baptizada, hé mo-radora, e se desobrigou as quaesmas proximas passadas e todas as mais ante-cedentes cujo recebimento se fes na minha prezença no dito Oratorio donde eu fui, recebendo os Contrahentes o ditto Reverendo Doutor Vigario da Vara na forma retro declarada por Decreto, e dispensa de fiança e banhos do Eminen-tissimo Senhor Cardeal Patriarcha de Lisboa Dom Francisco o primeiro que se me apprezentarão, cujos Decretos, e despachos ficão em meu poder cujos theores são os seguintes o da licença de se receberem no Oratorio e o Doutor Vigario da Vara recebelos he este concedera as licenças pedidas sem prejuizo dos direi-tos Parochiaes Junqueira vinte e quatro de Dezembro de mil sete centos e se-centa e sinco com a rubrica de Sua Eminencia = o da dispensa dos banhos, sua fiança, e mais papeis do estilo he este = Dispensamos os banhos destes Con-trahentes e mais papeis do estilo Junqueira vinte e nove de Janeiro de mil sete centos e sessenta e seis = Com a rubrica de Sua Eminencia = e não se continha mais nos ditos Decretos aos quae me reporto que tudo fica em meu poder jun-tamente com hũ avizo da Secretaria de Sua Eminencia com a data do dito dia vinte e nove deste prezente mes em que o dito Eminentissimo Senhor ordenava me remetessem a mim o requerimento incluzo de Jozé Joaquim de Proença e Silva que vinha difirido, = assignado pelo Secretario do ditto Eminentissimo senhor, Vicente Gomes Sotto Mayor sendo por testemunhas presentes o Ilustris-simo e Excellentissimo Dom Luiz de Almeida Marques de Lavradio e Briga-deiro, e Dezebargador Ignacio Ferreira Soutto intendente Geral da Policia, e mais pessoas que presentes estavam e em tudo o mais se guardou a forma do Sagrado Concilio Tridentino, e Constituições do Patriarchado, dia e era ut su-pra. — O Reitor Manoel Marçal da Silveyra». (*Liv. II de casamentos*, fl. 147 v., freg.^a de N. S.^a da Assunção, de Cascais).

Da descendência de José Joaquim de Proença e Silva e de sua mulher, diz o sr. dr. Artur de Távora em artigo publicado em *Bazar*, suplemento lite-rário de *A Voz*, de 3 de Junho de 1938:

«Esta D. Francisca Juliana, casou... com José Joaquim de Proença e Silva ... e foram os pais de Joaquim José de Proença e Silva. Fidalgo-Cavaleiro da Casa Real, por alvará de 12-11-789, Cavaleiro de Aviz com Cruz n.º 1 da Guerra Peninsular e com a medalha de Fidelidade, Inquiridor do Cível em Lis-boa, que nasceu na [freguesia de Nossa Senhora da] Assunção, ... e faleceu em combate contra os rebeldes (liberais), à frente do seu regimento de Infanta-ria 19, do qual era coronel, no forte da Heroilha, Pôrto, cujo retrato se encontra na última casa da rua Barata Salgueiro, lado direito de quem sobe, em poder dumas senhoras descendentes deste official.

«Dêste coronel e espôsa, D. Maria Catarina Delgado da Cunha Toscano (dos Tavares Toscanos, de Almada e Tentugal), descendem bastantes pessoas, entre as quais a 2.^a Condessa de Castro, os Viscondes de Proença Vieira e de Assentis, o rev. Nuno Archer S. J., a esposa do sr. dr. Costa Félix, distintissimo médico operador, o antigo Director Geral do Ministério da Agricultura Ferreira Borges, o sr. Rodrigo Peixoto, Director do Banco de Portugal, alguns ramos da família Cosmelli, genovesa de origem, etc.»

N.º 16 — «Aos nove dias do mes de Dezembro de mil setecentos oitenta e hum, em cumprimento de hum Decreto do E.^{mo} Senhor Cardeal Patriarcha, em minha prezença, e das testemunhas abayxo assignadas se receberão por marido e mulher como manda a Santa Madre Igreja Romana, na forma do Sagrado Concilio Tridentino e Constituições deste Patriarchado, o B.^e Jozé Correa Botelho de Menezes, solteyro filho legitimo de Manoel Correa Botelho e de D. Luiza Maria de Carvalho de Menezes, natural e baptizado na Freguezia de S. Pedro de Vila Real, Arcebispado de Braga, e morador na Freguezia de Nossa Senhora da Assumpção da Vila de Cascaes; com D. Anna Joaquina Gertrudes Castello Branco, solteyra filha legitima de João Pereira da Silva e de D. Thereza Ignacia Joaquina Castello Branco, natural e baptizada na Freguezia de Nossa Senhora da Assumpção da dita Vila de Cascaes, aonde he moradora, e se desobrigou as Quaresmas passadas; e com hum Alvará do R.^{do} Dez.^{or} Juis dos Cazamentos pelo [qual] se despençava o Contrahente nos banhos de sua naturalidade, e das terras aonde tem residido, e em vertude de hum Decreto do mesmo Em.^{mo} Senhor se recebeu a Contrahente por proruração, e de como se receberão na forma sobredita corridos os mais banhos na forma do estilo, fis este assento e forão test.^{as} o P.^e Jozé Per.^a e Ign.^o Ant.^o — Como P.^{do} da Contrahente Lourç.^o Guedes de Souza P.^{to} Mourão [ou Morais]. — O R.^{or} Jozé Joaq.^m Galh.^{as}». (*Liv. VIII de casamentos*, fl. 86, freg.^a da Ajuda).

N.º 17 — O artigo em que o sr. Sampaio Ribeiro trata do baptizado de Simão Botelho, foi publicado, como dissemos, em *O Comércio da Ajuda*, quinzenário de interesse apenas local, o que nos decide a reproduzirmo-lo aqui na íntegra, para que assim possa chegar ao conhecimento de mais algumas pessoas que pelos estudos camilianos se interessem.

*

«Por volta das dez e meia da manhã do dia 2 de Maio de 1784, os sinos da parochial de Nossa Senhora da Ajuda, extra-muros de Lisboa, entraram de repicar festivos.

«O estralejar de foguetes mais veio despertar a atenção dos habitantes, de todo entregues ao seu labor afadigado. A essa hora ia grande azáfama pelas cozinhas: jantava-se patriarcalmente ao meio-dia.

«E a prova que a principal refeição cotidiana seria servida com pontualidade britânica era de ver, pois não havia chaminé de que não saísse coluna de fumo, ascendendo, a direito, na atmosfera prematuramente canicular.

«...E o repique continuava cada vez mais doido, cada vez mais frenético, levando a boa nova de haver mais uma alma cristã aos quatro pontos cardinaes: para as bandas da Junqueira e dos Algarves; para Alcolena e, por ali abaixo, ao sítio do Correio Mór, ou mesmo até Pedrouços, cuja casaria alvejava emoldurada pelo frondoso arvoredo de várias quintas; para os sítios de Almotive e Santo Amaro, com ressonâncias caprichosas no vale pedregoso do Rio Sêco; reboando de quebrada em quebrada da serra de Monsanto até mal se distinguir.

«De tamanha bimbalhada deduzia-se que o padrinho esportulara coisa que se via, porque, em caso contrário, o Gonçalo sineiro não poria tanto afã em demonstrar sua invejável técnica — capaz de pôr os badalos a sanvitar que nem demónios.

«Querria aquilo dizer que houvera baptizado na freguezia e que, no momento em que estamos, o rapazio da rua dos Tanques e do Cruzeiro, do sítio da Ajuda, das casas do Seabra e da Calçada — pelo menos do pátio da Guarda

para riba — já deve estar congregado ante a porta da igreja para apanhar os confeitos da praxe.

«Vamos ver também, pois daqui, do pátio da Secretaria, lá é um pulo.

«Meu dito, meu feito. Como calculava cá está a garotada descalça, suja, de calções remendados (a pontos de ser enigma impenetrável saber-se do tecido inicial), de cabeça perdida, gozando antecipadamente as cabriolas e proezas de agilidade que irá desenvolver para agarrar os confeitos e alguns cobres meúdos que adreguem de vir à mistura.

«Todo êste alarido é só por via das canas dos foguetes!

«Até a senhora D. Isabel, tia do sr. padre Galhardo, reitor da freguesia, que é surda que nem porta, assomou à janela a ver se o mundo estava para acabar!

«Lá vem agora o cortejo a sair da igreja. Seria melhor dar ouvidos aos circunstantes a ver se se consegue saber de quem se trata.

«— Olhe, tia Domingas: é o menino do juiz de fora de Cascais — dizia o criado do Sr. Carlos Príncipe, que morava pertinho da igreja e deu o nome à rua onde, a esta parte, está a esquadra da Polícia.

«É certo que a rua tem hoje o nome de outra pessoa (que talvez nunca lá tenha passado), mas chamou-se de Carlos Príncipe pelo menos até pouco depois da proclamação da República. Mudaram-lhe o nome porque julgaram que a designação toponímica cheirava a sangue real... Felizmente, porém, não havia motivo para sustos: tratava-se apenas do filho legítimo do matrimónio do músico Octávio Maria Príncipe e de Joana Príncipe, ambos italianos...

«A tia Domingas Maria, que também morava no sítio da Ajuda, mesmo ao lado do barbeiro José Lopes, era tida por pessoa de siso e gozava de boa reputação. Era, além do mais, sogra de um soldado e isso dava-lhe certo prestígio. Sempre tinha uma autoridade debaixo do mesmo teto...

«— *Antão* é porque o *enginho* medrou — respondeu ela. O Rosendo (era um aguadeiro que morava na calçada), aqui há uns quinze dias contou-me que lá em casa tinham ido a correr chamar o Sr. Frei António *sancristão* (do vizinho convento de Nossa Senhora da Boa Hora e Santa Rita de Belém), às do cunhado, *pra ir baltezar* o menino *in artigo m'orres* — coisa por que a boa da velha queria dizer «in articulo mortis».

«— Mas, então, se o menino já estava baptizado, para que servem tantos repiques?

«— *Antão* vocemecê *nam* vê que ainda *nam le* tinham botado os santos óleos? O Sr. padre João...

«Precisamente neste ponto, quando a boa da tia Domingas ia iniciar elucidativa parlenda, dois garotos, para agarrar um confeito que rolara até ali, ferraram-lhe encontrão de respeito que teve artes de desencadear as iras da velhota.

«— Oh desalmados! Estão cegos, grandes tinhosos! Santo nome de Jesus! Parece que têm azougue, os malditos! Cruzes, canhoto!...

«Deixemo-la entregue à tarefa de desfiar o longo rosário das suas imprecações contra o rapazio, delirante com a apanha dos confeitos e rebuçados de ovos que o padrinho lhes joga às marcheias, e vamo-nos embora porque a comadre, transportando o montão de rendas que envolve o neófito, já sobe para a seje que a há-de levar a casa. Vai radiante, com a certeza antecipada de que a espera suculento jantar, a que não faltará gorda e olorosa canja, apurada e tentadora cabedela e aparatosa e doirada travessa de arroz doce em que mão experimentada debuxou a canela fina o nome do infantezinho — Simão.

«E os poucos sinos do campanário lá seguem no repique endiabrado a que os sujeita a perícia do Gonçalo... Muito poder tem uma de dôze!...



«O juiz de fora de Cascaes, de quem falámos, era o Dr. Domingos José Correia Botelho de Mesquita e Meneses. Tinha fama de tardo, era exímio flautista e, apesar de feio como os trovões, lograra conquistar o coração de D. Rita Teresa Margarida Castelo Branco com quem se recebera, por palavras de presente, em legítimo matrimónio, em 1779, nesta mesma paróquia.

«Moravam os conjugues na calçada da Ajuda, paredes meias com o respeitável reposteiro pação, Sr. Paulo Martins, cujo nome, graças a Deus, ainda perdura na esquina de uma travessa.

«Tamanha sorte não teve o tendeiro José Carneiro, cujo implicative apelido fez engulhos não sei a quem — donde a substituição pela inexpressiva e deslocada «Verbena» que lá vemos hoje. Igual destino teve também certa Faustina que morava à rua das Mercês.

«O pequeno Simão, cuja entrada na cristandade foi tão estrondosamente festejada, como vimos, foi o quarto rebento nascido de tão preclaro consórcio.

«O «Doutor Brocas» — alcunha por que era conhecido o juiz de fora de Cascais — era natural de Vila Real de Trás-os-Montes e, pouco depois do nascimento de Simão, foi para lá transferido com grande aprazimento seu. Mais tarde, passados anos, foi para Viseu.

«Simão, já um homenzinho, estudava Humanidades em Coimbra e dava mostras de temperamento sanguíneo e arrebatado.

«Apaixonou-se por uma vizinha — linda como os amores e filha do maior inimigo de seu pai — e foi ternamente correspondido.

«O pai da dona dos seus pensares, porém, não levou o caso a bem, tanto mais que lhe transtornava velhos planos de aumento de casa, cifrados no casamento de sua filha única, com um primo de Castro Daire, homem de muitos bagos e não menos prosápias.

«O povo soi dizer que o fruto proibido é o mais apetecido. Assim foi uma vez mais. A oposição feroz, que não se ficava em palavras ou ameaças vãs, antes ia às do cabo, com esperas e tentativas de assassinio, ateou pavorosa fogueira onde havia ligeiro crepitar de fogo incipiente. Os temperamentos em choque eram por demasia assomadiços e impulsivos. Era inevitável, pois, uma catástrofe. Assim foi. Tudo acabou por Simão Botelho matar seu rival, ser preso, entrar na Relação do Porto e ir degredado para a Índia. Tudo isto, claro está, à conta da fantasia de Camilo.

«*Amor de Perdição* chamou o grande romancista ao sentimento que abraçou e dilacerou a alma de seu tio — irmão do pai — Simão António Botelho, o mesmo pequenino Simão que nasceu na Calçada e foi a pôr os santos óleos à antiga paróquia de Nossa Senhora da Ajuda, extra-muros de Lisboa, por volta das dez e meia da manhã do dia 2 de Maio de 1784.

«E quantos descendentes daqueles garotos que, doidos de alegria, apanharam e comeram os confeitos, que o padrinho lhes jogava às mancheias, terão enxugado comovidas lágrimas ao lerem o drama pudentíssimo daquele que, quando minhano, deu azo à alegria desvairada de seus avós?

«Quantos?

«Vá lá saber-se!...»

N.º 18 — «Aos treze dias do mes de Fev.º de mil sette centos sincoenta e sette nesta Parrochial Igreja de N. Senhora da Ajuda de licença expressa do R. Reitor em minha presença e das testemunhas abaixo assignadas, se receberão por marido e mulher como manda a Santa Madre Igreja de Roma na forma do Sagrado Concilio Tridentino, e Constituhiscens, Victoriano Correa Botelho solt.»

natural e baptizado na freguezia de S. Lourenço de Riba Pinhão, comarca de Villa Real Arcebispado de Braga, filho legitimo de Manoel Villela já defunto, e de Maria Corrêa; com Thereza Roza solt.^a natural e baptizada na freg.^a de Palhacana termo da Villa de Alemquer deste Patriarchado e ambos moradores nesta freguezia, e de como se receberão com Alvará de casamento expedido em virtude de certidão de banhos em forma da naturalidade do contrahente e com os mais banhos do estilo sem impedimento na forma sobredita, sendo testemunhas presentes o R. D.^o Fr. Caetano de S. Jozé e o R. Fr. Agostinho da Sylva Religiosos do Convento de N. S.^a da Graça de Lx.^a e João Affonso samchristão desta Igr.^a q̄ comigo assignarão. fiz este assento Dia ut supra. — Jozé Apolinario da S.^a). (*Liv. V de cazamentos*, fl. 391, freg.^a da Ajuda).

N.^o 19 — «Ao Primeiro dia do mes de Janeiro de mil e sette centos e sincoenta e oito baptizey a Manoel que nasceo a vinte e sinco de Dezembro proximo passado, filho de Victoriano Correa Botelho baptizado na Freg.^a de S. Lourenço de Ribapinhão termo de Villa Real Arcebispado de Braga, e de sua m.^or Thereza Roza Joaquina baptizada na Freg.^a de S. Miguel de Palhacana termo da Villa de Alemquer deste Patriarchado e recebidos nesta de N. Sr.^a da Ajuda e nella moradores na calçada de Bellem. Forão Padrinhos o Ex.^{mo} Conde de Villa Nova, e a Duqueza Camareira mor por seu bast.^o Procurador o Ill.^{mo} S.^r M.^el de Tavora. — O P.^e M.^el Marques da Sylva». (*Liv. VIII de bap.*, fl. 131 v., freg.^a da Ajuda).

N.^o 20 — «Aos quatorze dias do mes de Outubro de mil sette centos e setenta e sete no oratorio das cazas de rezidencia de Carlos Antonio Ferreira Monte se receberão com palavras de presente, e na minha presença, e das testemunhas abaixo assignadas, Manoel Correia Botelho solteiro, filho legm.^o de Victuriano Correia Botelho, e de Dona Thereza Roza Joaquina baptizado na Freg.^a de Nossa Senhora da Ajuda extra muros desta Cid.^e e morador nesta Freguezia, com Dona Luiza Eugenia Roza de Souza, filha legm.^a do cappitão Carlos Antonio Ferreira Monte, e de Dona Maria Roza de Souza, natural e baptizada nesta Freg.^a e nella moradora e he solteira, e se receberão no sobredito oratorio com licença de Sua Em.^a e forão dispensados na treceira denuncia o q̄ tudo me constou por hua Provisão que me apresentarão do mesmo Em.^o Snr. e em tudo o mais se guardou a forma do Sagrado cons.^o de Trento e Const. deste Patriarchado sendo a tudo testemunhas que presente estiverão comigo e assignarão Bartholomeo de Aranda m.^or nesta Freg.^a e o D.^o Fr. Caetano de São Jozé religioso de S.^{to} Agostinho e Victoriano Correia Botelho m.^or na Freg.^a de Nossa Snr.^a da Ajuda de que fis este asento, q̄ assignei era ut supra. — O P.^e Gonçallo Nobre da Silv.^a). (*Liv. XVII de casamentos*, fl. 34 v., freg.^a de Santos).

N.^o 21 — «Em os vinte e nove dias do mes de Setembro de mil sete centos e outenta nesta Parochial de Santos baptizei, e pus os Santos Oleos a Thereza que nasceu a dezasseis do presente mes filha de Manoel Correya Botelho, baptizado na freguezia de Nossa Senhora da Ajuda, e de Dona Luiza Eugenia Roza de Souza baptizada, recebidos, e moradores nesta freguezia na rua direita de São João de Deos: foi padrinho o Doutor José Monteiro de Carvalho e Oliveira morador na freguezia dos Anjos, de que fis este assento, que assignei, era ut supra — O Prior Antonio Jozé da Roza». (*Liv. XXVII de bap.*, fl. 191 v., freg.^a de Santos).

«Em treze de Maio de mil sette centos e oitenta e cinco nesta Paroquial Igreja de Santos o Velho, baptizei e pus os Santos Oleos a Jozé, que nasceo em

vinte e dois de Abril proximo passado do presente anno, filho de Manoel Corrêa Botelho, baptizado na freguezia de Nossa Senhora da Ajuda de Belem, e de Luiza Eugenia Roza de Souza, baptizada nesta freguezia de Santos, onde forão recebidos, e onde são moradores às Janelas Verdes; foi Padrinho o Sargento mor Jozé Teixeira Pillão, por sua Procuração, e por elle tocou Francisco Carvalho, morador em Alcantra na freguezia de São Pedro, de que fiz este assento que assignei, dia e era ut supra: declaro que o Padrinho, e o que por elle tocou morão ambos em Alcantra freguezia de São Pedro — O Cura Philippe Neri de Sousa». (*Liv. XXVIII de bap.*, fl. 285, freg.^a de Santos).

«Em os dezoito dias do mez de Novembro de mil sete centos outenta e sette nesta Parochial Igreja de Santos baptizei e pus os Santos oleos a Carlos, que nasceu em o primeiro dia do mes de outubro proximo passado, filho de Manoel Correya Botelho baptizado na freguesia de Nossa Senhora da Ajuda, e de Dona Luiza Eugenia Roza da Senhora do Monte, baptizada, recebidos, e moradores nesta freguezia ás Janelas Verdes: foi Padrinho o Principe Nosso Senhor D. Jozé por seu procurador o Ex.^{mo} Marquez de Marialva Dom Diogo José Vitto de Menezes, de que fis e assignei o presente assento. — O Cura Antonio da Conceição (*Liv. XXIX de bap.*, fl. 133, freg. de Santos).

«Em os dezanove dias do mez de Outubro de mil sete centos e outenta e nove nesta Parochial Igreja de Santos baptizei e puz os Santos Oleos a Francisca, que nasceu no dia dezoito do presente mez, filha do cap.sm Manoel Correya Botelho, baptizado na freguezia de Nossa Snr.^a da Ajuda desta Cidade, e de Dona Luiza Eugenia Roza de Souza Vieira Monte, baptizada nesta freg.^a de Santos, e nella tambem recebidos, e moradores na rua direita da Pampulha. Foi padrinho Victoriano Correya Botelho, morador na freg.^a de Nossa Snr.^a da Ajuda, de q̄ fiz e assignei este assento. — O cura Jozé Maria Ottolini». (*Liv. XXIX de bap.*, fl. 235, freg.^a de Santos).

N.^o 22 — «Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. — «Diz Victoriano Correya Botelho, Proprietario do Off.^o de Meirinho deste Tribunal do Sennado da Camara: Que sendo o d.^o Off.^o criado em o anno de 1752, com 200\$000 rs. de Ordenado por Anno, alem da avultadas propinas, forão estas abulidas pelo Régio Alvará de 23 de Março de 1754, no qual se não tratou do Off.^o do Sup.^e e pelo Despacho deste Tribunal de 17 de Outubro de 1778 foi privado de perceber o emolumento da posse dos Lugares de que o seu antecesor se concervava de assim o praticar, vindo em consequencia a deminuir-se huma grande parte do rendimento do mesmo Off.^o tendo-lhe acrescido o trabalho pelas muitas e continuas diligencias que tem ex Off.^o.

«Hé sem duvida Ex.^{mo} Snr. que desde aquelle tempo em que foi creado o Off.^o do Sup.^e athé o presente, tem subido em preço a mais do dobro todos os viveres, e uzuaes, em cujas circunstancias recorre o Sup.^e a V. Ex.^a seja servido, em consequencia da verdade expendida, consultar a Sua Mag.^e o presente requerimento, para que a exemplo de outros que depois do dito Regio Alvará, athe o presente tem obtido a Graça do Aumento de seus Ordenados, possa o Sup.^e tãoobem merecer a mesma Real Piedade, regulando-selhe o ditto seu Off.^o com ordenado competente, conforme o estado do tempo, e deminuição que tem experimentado.

P. a V. Ex.^a seja servido atender ao presente requerimento para ser consultado a Sua Mag.^e

E. R. M.cê»

«Senhora

«Diz Victorianno Correya Bottelho, Criado de S. Mag.^e no exercicio de

Repost.^o do n.^o, e proprietario do Officio de Meirinho do Tribunal do Senado da Camara: Que o d.^o seu Off.^o foi criado em o anno de 1752, com o Ordenado de 200\$ rs. p.^r anno, alem dos respectivos emolumentos, e avultadas propinas, q̄ forão abulidas p.^{to} Regio Alvará de Regulação de 23 de Março de 1754 em q̄ se não tratou do Off.^o do Supp.^o sendo iguالم.^{te} privado de receber o emolum.^{to} da posse dos Lugares q̄ o Senado dá de arrendam.^{to} p.^r despacho de 17 de Outubro de 1778, na qual se conservou sempre o seu antecessor Luiz Pedro de Almd.^a Campos, vindo em consequencia a deminuirse huma grd.^e p.^{te} do rendimento do d.^o Off.^o tendo-lhe ao mesmo tempo acrescido mayor trabalho e contínuas diligencias ex Officio.

«Augustissima Senhora, p.^r muitas Reaes rezoluçoens tomadas em consulta do Senado, tem V. Mag.^e sido servida acrescentar os Ordenados a muitos dos Off.^{es} do m.^{mo} Tribunal, e proximam.^{te} aos Proc.^{es} da Cid.^e, Proc.^{es} dos Mesteres, Juiz do Povo, e seu Escr.^{am}, e a exemplo destes recorre o Supp.^o á Real Grandeza e Piedade de V. Mag.^e para que seja servida atender as justificadas razoes alegadas nesta Suplica, e no requerim.^{to} junto feito ao Senado o qual ordenou pelo seu desp.^o requerece a V. Mag.^e ordenando q̄ ao Supp.^o se faça aquele justo acrescentam.^{to} atendendo a diminuição em q̄ o m.^{mo} Off.^o se acha, conforme o estado do tempo.

«P. a V. Mag.^e seja servida mandar por puros effeitos de Sua Real Clemencia, atender ao requerim.^{to} do Supp.^o conferindo lhe a graça que humildem.^{te} implora.

E. R. M.cê».

Informação — «Deferindo o Tribunal com hum modico acrescentam.^{to} a exemplo dos mais; e em concider.ão a ser este Off.^o criado no ano de 1752 tempo em q̄ se atendia mais aos ordenados como foi com este; assim se fará just.^a

Barb.^a».

«Senhor

«Por Avizo da Secretaria de Estado dos Negocios do Reyno, em datta de trinta de Julho de mil setecentos noventa e hum, foi Vossa Magestade servido mandar remeter a este Tribunal, o requerimento incluzo, de Vituriano Correa Botelho, Proprietário do Officio de Meirinho deste Tribunal, para se consultar o que parecer.

«Pertende o Recorrente: Que Vossa Magestade se digne mandar se lhe augmente o Ordenado do referido Officio, em attenção a ser este creado em o anno de 1752, com duzentos mil reis annuaes, e terem-se abolido muitos emolumentos, e avultadas Propinas pelo Regio Alvará de Regulação de 23 de Março de 1754; a exemplo de outros Officiaes a quem Vossa Magestade liberalizou, igual Beneficio. Ponderando-se em Meza o Requerimento do Supplicante.

«Parece a este Tribunal: Que o Ordenado de duzentos mil reis por anno, não he tão modico, que não corresponda ao sobredito Officio, alem de que he hum daquelles mais pingues, que ha entre os da Camara, e por isso se deve julgar o Supplicante remonerado com o que leva em Folha.

«Porem Vossa Magestade ordenará o que for mais de seu Real Agrado. Lisboa primeiro de Fevereiro de mil e setecentos e noventa e tres annos.

«Marquez de Cast.^o melhor P.
Manoel Antonio Freire de Andrade

Joam Carlos de Matos Pereira
 Anacleto Jozé de Macedo Portugal
 Jozé Januario de Carvalho
 Francisco de Mendonça Arraes Mello
 Joaquim Jozé Cordeiro
 Manoel da Costa Rozado
 Jozé Ignacio de Campos
 Antonio Jozé Cout.º»

Votou a favor do requerente o procurador da cidade José Marcelino Sotto de Mendonça Furtado.

Resolução régia: — «Como parece. N. S. da Ajuda 4 de M.ço 1793»

(L.º 40/34 de cons. e decr. de D. Maria I, fl. 90 e seg. — Arquivo da C. M. L.).

N.º 23 — «Aos vinte e cinco dias do mes de Março de mil setecentos e noventa faleceo Dona Thereza Roza de Jesus cazada com Victoriano Correa assistente na Calçada da Ajuda; recebo tão somente o Sacramento da Penitencia pela molestia não dar lugar aos mais: foi sepultada nos Covaes desta Igreja. — O R.ºr Herculano Henrique Garcia Camilo Galhardo». (Liv. VII de óbitos, fl. 153, freg.ª da Ajuda).

N.º 24 — «Aos dez dias do mes de Junho de mil setecentos e noventa e quatro por Despacho do Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Cardeal Patriarcha no Oratorio das cazas de residencia de Pedro Braulio Pardal assistente no alto da Rua do Cruzeiro desta Freguezia se receberão por marido e mulher na minha prezença e das Testemunhas abacho assignadas, na forma do Sagrado Concilio Tridentino, e Constituições deste Patriarchado como manda a Santa Madre Igreja Romana; Victoriano Corrêa Botelho Viuvo de Dona Thereza Roza que faleceu nesta Freguezia de Nossa Senhora da Ajuda aonde o Contrahente reside e se tem desobrigado as quaresmas proximo passadas: com Dona Leonor Damiana Pardal, natural e baptizada na Freguezia de São Pedro em Alcantara, filha legitima de Pedro Braulio Pardal e de Dona Marianna Leopoldina Portelli, assistente nesta mesma Freguezia de Nossa Senhora da Ajuda onde se tem desobrigado as quaresmas proximo passadas: E de como se receberão na referida forma apresentarão todos os proclamas do estillo correntes sem impedimento; fis lavrar este assento sendo Testemunhas presentes o Doutor Jozé Monteiro de Carvalho e Oliveira assistente na Freguezia dos Anjos, e João de Souza Carvalho assistente nesta Freguezia. — O R.ºr Herculano Henrique Garcia Camilo Galhardo». (Liv. XIV de casamentos, fl. 252 v., freg.ª da Ajuda).

N.º 25 — «Aos vinte e cinco dias do mes de Março de mil sete centos noventa, e cinco, baptizou o Reverendo Padre Cura Luis Antonio Martins, a Jozé que nasceo a quinze de Abril proximo passado, filho de Victoriano Corrêa Botelho, e de sua mulher Dona Leonor Damiana Botelho, recebidos nesta Freguezia, moradores na calçada da Ajuda: forão Padrinhos André de Santa Roza de Viterbo, Irmitão na Serra da Arrabeda, e Nossa Senr.ª das Denominaçoens. — O R.ºr Herculano Henrique Garcia Camilo Galhardo». (Liv. XVIII de bap., fl. 150 v., freg.ª da Ajuda).

N.º 26 — «Aos vinte e seis dias do mez de Novembro de mil setecentos setenta e seis faleceo Anna Joaquina cazada com Manoel Correia Botelho, mo-

radora na Calçada Nova da Ajuda, recebeu os Sacramentos, não fez testamento; foi sepultada no jazigo da Irmandade do Santissimo desta Igreja. — O R.^{or} Herculano Henrique Garcia Camilo Galhardo». (*Liv. VI de óbitos*, fl. 131, freg.^a da Ajuda).

N.^o 27 — «Aos trez dias do mez de Outubro de mil sete centos sessenta e sete anos batizei a Ana ã nasceo em vinte hum de Setembro proximo f.^a do Bacharel Jozé Monteiro de Carvalho Oliveira batizado na freg.^a de S. Dionizio de Vila Real Arcebispado de Braga, e de D. Ana Perigrina Roza Caldeira Gorjão baptizada na freg.^a de N. S.^a dos Anjos, e recebidos na de S.^{ta} Cat.^a ambas desta Cidade; Padrinho Manoel Gomes Ferr.^a Dez.^{or} dos Agravos, Madrinha a Ex.^{ma} D. Juliana Xavier de Noronha, e tocou Jozé Pedro de ã fiz este assento ã assignei. — O Coadjutor Greg.^o Falcão de Andr.^o». (*Liv. XV de bap.*, fl. 198 v., freg.^a de S. José).

N.^o 28 — «Aos quinze de Janeiro de mil sete centos outenta e dous no Oratorio das cazas de morada do Doutor Jozé Monteiro de Carvalho cittas na caza da Pessa desta freguezia dos Anjos, por Decreto do Emminentissimo Senhor Cardeal Patriarca datado em quatro deste prezente mes, e anno, em minha prezença e das testemunhas abacho assignadas, na forma do Sagrado Consilio Terdentino, e Constituisoins deste Patriarcado, se receberão Manoel Correia Barreto [aliás Botelho], com Dona Anna Jozé Candida Efigenia Monteiro de Carvalho: elle contraente viuvo de Dona Anna Joaquina que faleceu na freguezia de Nossa Senhora da Ajuda extramuros desta Cidade, donde he morador: Ella contraente, solteira, e filha do Doutor Jozé Monteiro de Carvalho e Oliveira e de Dona Anna Joaquina Roza de Viterbo, já falecida; natural desta Cidade, e baptizada na freguezia de São Jozé, e moradora nas mesmas cazas no citty da Caza da Pessa, fregueza desta freguezia dos Anjos, acestirão a este matrimonio como testemunhas o Reverendissimo Frei Caetano de São Jozé, Provincial da Religião de S.^{to} Agostinho: e Victoriano Correa Botelho reposteiro de Sua Magestade, e morador em a Calçada da Ajuda da ditta freguezia de Nossa Senhora da Ajuda e ambos commigo assignarão. Dia, mez, era ut supra. — O Coadjutor Francisco Teixeira de Barros».

N.^o 29 — «Aos cinco dias do mez de Janeiro de mil sete centos outenta e quatro baptizou o R.^{do} P.^e Cura Manoel Dias de Carvalho a Maria, que nasceu a vinte e tres de Janeiro proximo passado, filha de Manoel Correa Botelho, e de sua mulher Dona Anna Jozé Candida Efigenia Monteiro de Carvalho Oliveira, recebidos na Freguezia dos Anjos, e moradores nesta, no sitio da calçada da Ajuda; forão padrinhos El Rey Nosso Senhor; por seu procurador o seu Gentil homem da sua Camara o Ex.^{mo} Dom Jozé de Alencastro, morador na Freguezia de Nossa Senhora da Encarnação desta Cidade. — O R.^{or} Herculano Henrique Garcia Camilo Galhardo». (*Liv. XIV de bap.*, fl. 138, freg.^a da Ajuda).

«Em vinte e tres de Janeiro de mil sete centos outenta e sete; baptizei a Joana que nasceu a quinze do corrente, filha de Manoel Correia Botelho, e de sua mulher Dona [Ana] Jozé Efigenia Monteiro Carvalho Oliveira Gorjão, recebidos na Freguezia dos Anjos, moradores na calçada da Ajuda; forão Padrinhos o Serenissimo Principe Nosso Senhor, por seu Procurador e Gentil homem da Camara o Ex.^{mo} Conde de Sam Payo, e a Serenissima Princeza Nossa Senhora Dona Maria Benedicta por seu Procurador, e Viador o Ex.^{mo} Conde de Sam Vicente. — O R.^{or} Herculano Henrique Garcia Camilo Galhardo». (*Liv. XV de bap.*, fl. 71 v., freg.^a da Ajuda).

«Aos sete dias do mes de Julho de mil setecentos noventa e seis, baptizou o Reverendo Padre Cura Luis Antonio Martins a Josefa que nasceo a dezouto de Junho proximo passado, filha de Manoel Corrêa Botelho, e de sua mulher Dona Anna José Candida Efigenia Monteiro de Carvalho e Oliveira Caldeira Gorjão recebidos na freguesia dos Anjos desta Cidade, moradores na calçada da Ajuda: forão Padrinhos o Doutor João Luiz Monteiro de Carvalho Oliveira, e Dona Maria Francisca da Piedade Caldeira Gorjão, por seu Procurador o Reverendo Beneficiado Joaquim Jozé Anastácio Monteiro de Carvalho e Oliveira, todos moradores na Freguezia dos Anjos desta Cidade. — O R.^o Herculano Henrique Garcia Camilo Galhardo». (*Liv. XVII de bap.*, fl. 225 v., freg.^a da Ajuda).

«Aos quinze dias do mes de Novembro de mil sete centos e noventa e oito, baptizou o Reverendo Padre Cura Roberto Antonio Freyre a Joaquim que nasceu a dezasseis de Outubro proximo passado, filho de Manoel Corrêa Botelho e de sua mulher Dona Anna Jozé Candida Efigenia Monteiro de Carvalho recebidos na Freguezia dos Anjos desta Cidade moradores na Calçada da Ajuda, forão Padrinhos o Reverendo Beneficiado Joaquim Jozé Anastacio de Carvalho e Dona Francisca Xavier de Paula por seu Procurador o Reverendo Doutor Jozé Joaquim Monteiro de Carvalho e Oliveira todos moradores na Freguezia dos Anjos desta Cidade. O R.^o Herculano Henrique Garcia Camilo Galhardo». (*Liv. XVIII de bap.*, fl. 53 v., freg.^a da Ajuda).

«Aos vinte e oito dias do mes de Novembro de mil e outocentos, baptizou o Reverendo Padre Cura Manoel Lopes Ribeiro, a Francisco que nasceu a vinte e hum de Setembro proximo passado, filho de Manoel Corrêa Botelho, e de sua mulher Dona Anna Jozé Candida Efigenia, recebidos na Freguezia de Nossa Senhora dos Anjos desta Cidade, assistente na calçada da Ajuda: forão Padrinhos Jozé Monteiro de Carvalho de Oliveira, por seu Procurador o Beneficiado Jozé Monteiro de Carvalho e Oliveira, e Clara Joaquina do Carmo por seu Procurador Joaquim Jozé Anastácio Monteiro de Carvalho todos assistentes na Freguezia dos Anjos desta Cidade — O R.^o Herculano Henrique Garcia Camilo Galhardo». (*Liv. XVIII de bap.*, fl. 217 v., freg.^a da Ajuda).

N.^o 30 — «Em vinte e oito de Janeiro de mil oitocentos e onze, nesta Paroquial dos Anjos, na presença do Reverendo Antonio de Mello Baracho, que serve de Cura nesta Igreja de minha licença, se receberão por Marido e Mulher Francisco Xavier Salles Pinto de Mesquita, e Dona Maria Jozé Correia Monteiro, moradores nesta freguezia, na rua da Bombarda, e na calçada do Forno do Tijolo. O Contrahente he filho do Dezembargador Francisco Manoel Pinto de Mesquita, já defunto, e de Dona Isabel Thereza Salles de Mesquita, baptizado nesta freguezia: A contrahente he filha de Manoel Correia Botelho, já falecido, e de Dona Anna Jozé Correia Monteiro, baptizada na de Nossa Senhora d'Ajuda. Assestirão tambem a este Matrimónio como testemunhas, o Beneficiado Luiz Wenceslau Duarte Salles, e João Luiz Monteiro de Carvalho Oliveira, Thios dos Contrahentes os quais assignarão commigo este termo para constar. O Coadjutor, e Encom.^{do} Bernardo Jozé Marques». (*Liv. XIII de casamentos*, fl. 74, freg.^a dos Anjos).

Dêste casamento nasceram, pelos menos, os seguintes filhos:

Francisco e José, gémeos, baptizados em 1 de Setembro de 1812, e Ana, baptizada em 2 de Maio de 1814. (*Liv. XX de bap.*, fls. 43 v. e 96, freg.^a dos Anjos).

N.º 31 — «Aos dous dias do mes de Janeiro de mil setecentos e sessenta e nove pelas tres horas da tarde no oratorio das casas de Estevão da Silva Dennisitas no Campo de Santa Anna; freguezia da Pena, com licença de Sua Eminencia; despesa de banhos da naturalidade do contrahente; se receberão por palavras de presente; segundo o prescripto pelo Conc. de Trento e Const. Patriarchais na minha presença, e das testemunhas abacho assignadas o Bacharel Francisco Manoel Pinto de Mesquita, n.º 1 da freg.ª de Nossa Senhora da Assumpção da Villa de Vinhais Bispado de Miranda filho legitimo de Manoel Lobato de Oliveira e D. Antonia Bernarda Caetana de Mesquita já defuntos, morador na freguezia de S. Nicolao desta Cid.ª; e D. Izabel Tereza Telles e Faria, natural e baptizada na Paroquia de Sam Julião; e moradora na rua de Sam Paulo, filha legitima de Verissimo Duarte e Marg.ª Antonia de Faria; foram testemunhas Fr. Francisco de Jesus Maia Sarmento; Religioso, e Comm.º dos Terceiros no seu convento de Jesus desta cidade e Fr. João de Sam Jose do convento de Sam João de Deos; que aqui assignarão. Do que fis este termo, dia, mes; e era, como acima — O Vig.º João Roiz das Neves». (*Liv. I de casamentos*, fl. 124 v., freg.ª de S. Paulo).

N.º 32 — «Em dezasseis de Março de mil oitocentos e dezasseis, faleceu com todos os Sacramentos, na idade de quarenta e nove annos, de Morfea, Dona Anna Jozé Candida Efigenia Monteiro de Carvalho e Oliveira, viuva de Manoel Correa Botelho moradora nesta freguezia na calçada do Forno do Tejolo: foi sepultada no Convento dos Capuchos. E para constar fiz este termo à vista do registro do dito anno que existe neste Cartorio; e o assignei. — O Prior licenciado José Ferrão de Mendonça e Sousa». (*Liv. X de óbitos*, fl. 213 v., freg.ª dos Anjos).

A IGREJA PAROQUIAL DE S. CRISTÓVÃO DE LISBOA

por EUGÉNIO SOBREIRO DE FIGUEIREDO DA SILVA

Escolhido pelo ilustre Secretário Geral deste Grupo dos Amigos de Lisboa para fazer a V. Ex.^{as} a descrição desta igreja paroquial de S. Cristóvão, eu sinto que me encontro deslocado, pois, por certo, muitos de V. Ex.^{as} estariam naturalmente indicados para ocupar este lugar. Eu, sendo apenas um simples amator das cousas de arte, não posso prender a atenção de V. Ex.^{as} com o meu saber. É possível que possa ainda a vir a ser um investigador. Vontade de o ser tenho, qualidades não sei: o que não tenho é tempo. As minhas ocupações oficiais não me deixam horas livres para isso.

Dito isto, perguntarão V. Ex.^{as} porque me encontro aqui? Mas tudo tem a sua explicação.

Conhecendo Lisboa, desde que me conheço a mim, eu não conhecia o interior desta igreja. Quando o Reverendo Prior Dr. José Aparício tomou posse desta paróquia, vim apresentar-lhe os meus cumprimentos e fiquei encantado com a beleza deste templo. Passado algum tempo, voltei aqui acompanhado pelo Ex.^{mo} Sr. Coronel Garcez Teixeira, erudito investigador e altamente conhecedor das cousas de arte. Passamos uma visita minuciosa a todas as suas dependências, ficando também Sua Ex.^a muito bem impressionado com o que viu, mas notamos a necessidade inadiável de obras de conservação. Fomos informados pelo ilustre pároco de que não tinha possibilidade de ocorrer a essas obras dada a pobreza da paróquia. Os pobres, por serem pobres, não podem dar e os paroquianos são quase todos pobres.

Apesar desta situação precária, ficou combinado com o ilustre pároco apresentar-lhe um mestre de obras competente, o que fiz, e algum tempo depois, os telhados que metiam água por todos os lados, foram totalmente reparados. Na mesma ocasião foram apeadas umas paredes que tinham sido levantadas sobre o frontão da fachada para ligar por um corredor as duas torres sineiras. Ficou assim a fachada restituída à sua feição primitiva. Quase toda a despesa destas obras foi paga do bolso de Sua Reverência.

A igreja não estava classificada. Era necessário que o fosse.

O Ex.^{mo} Sr. Coronel Garcez Teixeira forneceu os elementos necessários para se fazer o pedido e a 10 de Novembro de 1939 ia eu entregar por mão própria o seguinte requerimento:

«Ex.^{mo} Senhor Presidente da Junta Nacional de Educação
Ministério da Educação Nacional

Permita-me V. Ex.^a que chame a atenção da Junta da mui digna Presidência de V. Ex.^a para o seguinte assunto:

A Igreja Paroquial de S. Cristóvão é um dos poucos monumentos religiosos da parte central de Lisboa que não ruíu por ocasião do terramoto de 1755. O primitivo templo era de data anterior ao Século XIV, talvez mesmo do Século XIII, mas uma grande reconstrução do Século XVII alterou por completo a sua feição primitiva, pois apenas na oussia se vêem nas abóbadas nervuras que talvez sejam ogivais.

Mas, como tipo de architectura religiosa do Século XVII, é um perfeito e belo exemplar, se não exteriormente, pelo menos interiormente. As paredes da sua única nave são quase completamente ocupadas por telas, emolduradas ricamente em talha dourada, ligando com as dos altares laterais e mor. As duas paredes da capela mor são totalmente tomadas por duas grandes telas. Gonzaga Pereira, nos seus «Monumentos Sacros de Lisboa», attribui essas pinturas ao pintor régio Bento Coelho da Silveira. Estão em bom estado, necessitando apenas de trabalhos de limpeza e conservação. O tecto, de madeira pintada, é plano, com grandes sancas e constitui, com a sua pintura de ornato polícromo, uma das mais interessantes peças do género nos templos de Lisboa.

Cêrca de 1839 soffreu o templo uma grande reparação, que não alterou as características architectónicas.

Excelentes azulejos do Século XVII, e alguns talvez anteriores, conservam-se em bom estado em vários locais.

Da antiga fábrica, conservam-se ainda dois curiosísimos monumentos tumulares, importantes para a nossa História: São o túmulo do Arcebispo de Braga, D. Martinho, que acompanhou D. João I na Batalha de Aljubarrota; e o de D. Fernando, Bispo de Viseu, que esteve com D. Afonso V na tomada de Arzila e na Batalha de Toro. Estes túmulos, assim como os ossos de outros personagens, e algumas pedras brazonadas, foram metidos em um arco-sóljo, por ocasião da reconstrução do Século XVII.

Por estes motivos, que rápidamente ficam expostos, pela situação pitoresca num trecho da velha cidade, e ainda por outros motivos que o estudo de pessoas competentes não deixará de encontrar num exame atento, julgo que este templo bem merece uma classificação que o ponha ao abrigo de qualquer mutilação, ou actos que o prejudiquem ou lhe alterem o alto valor que por vários títulos possui.

Por tais motivos, julgo dever, com esta simples exposição, chamar para tal assunto a esclarecida atenção da Douta Junta da mui digna Presidência de V. Ex.^a, certo de que ela será tida na consideração que merecer.

Lisboa, 10 de Novembro de 1939».

Pelo Decreto n.º 33.587, de 27-3-944, foi classificado imóvel de interesse público.

Conversando um dia com o nosso illustre consócio Ex.^{mo} Sr. Luís Pastor de Macedo, dei-lhe conta de tudo isto que se havia passado e manifestei-lhe o desejo de que se fizesse pelos «Amigos de Lisboa» uma visita a este Templo. Concordei plenamente e disse-me: Fica você encarregado da visita. Não concordei, apresentando-lhe as razões já apontadas. Insistiu e eu confesso que nessa altura pratiquei um acto incompatível com a minha situação de militar: acovardei-me e aceitei. É esta a razão da minha estada aqui.

Passo, portanto, a dizer a V. Ex.^{as} alguma cousa acerca do assunto que aqui nos traz.

Não se sabe ao certo a data da fundação desta freguesia, primitivamente chamada de Alcamim, sabe-se contudo que na primeira metade do Século XVI a freguesia de S. Cristóvão era já um aglomerado muito razoável de casas desde o Chão de Alcamim, que vai de S. Lourenço e se estende da Costa do Castelo à rua por detrás da igreja de St.^a Justa, hoje da Madalena, embora com outro traçado.

Foram estes sítios muito escolhidos para residência pelas famílias nobres. Aqui tiveram os seus palácios os Condes de Cantanhede e de Castanheira, o Bispo de Tânger, D. Afonso de Meneses, Diogo da Silveira e os Belmontes, D. Álvaro de Bragança e D. Antão de Almada, os Condes de Atalaia, de Avei-

ras, de S. Vicente, de Nisa, de Vale de Reis; Cardeais, Vice-Reis da Índia, Governadores, Regedores da Casa da Suplicação, Juizes, Desembargadores, etc.

Antes de entrar pròpriamente no assunto que aqui me traz, acho interessante dizer alguma coisa do que consta acerca da vida do Santo, orago desta freguesia:

Segundo o «Ano Cristão», do padre francês Croiset, traduzido em português pelo padre Matos Soares, consta de S. Cristóvão o seguinte:

O esforçado mártir S. Cristóvão era cananeu, e, sendo já cristão, dirigiu-se à província de Lícia para prègar o Evangelho a esta nação, armando-se com a oração assídua contra as batalhas em que teria de entrar. Era homem gentil, de grande estatura, e por isso sem difficuldade atraía as atenções dos que passavam. Trazia uma vara na mão, a qual, tendo-a uma vez pregado no chão, súbitamente reverdesceu e floresceu, convertendo-se muita gente à vista de semelhante prodígio. Autorizado desta forma o zelo de que estava animado, e que se traduzia em acções brilhantes de apostolado, não é de admirar que a igreja de Lícia aumentasse dia a dia; mas o furacão da tempestade desencana-deou-se, e levou em sua fúria o denodado apóstolo. Imperando Décio, Cristóvão foi preso. Levado perante o tribunal do presidente, esforçou-se este, empregando promessas e ameaças, por atraí-lo à adoração dos deuses do império. Não sortiram efeito estes meios; lembrou-se então de lhe enviar ao cárcere duas mulheres a fim de o tentarem, calculando que se caísse no pecado estava decerto abismado na idolatria. Nem sequer, porém, houve tentação, porque ao entrarem as desventoladas mulheres no cárcere sentiram-se invadidas de inopinado terror; caem aos pés do Santo e imploram o perdão da sua ousadia. Cristóvão muda e transforma estas criaturas, ganhando-as para Jesus Cristo, por cujo santo nome tiveram a inefável dita de morrer e com elas mais quarenta outras pessoas igualmente convertidas pelo insigne mártir S. Cristóvão. O Juiz, notando o pouco fruto que faziam as suas medidas, irritou-se por forma que determinou fazê-lo morrer, mas com exquisitos tormentos. Mandou-o primeiro açoutar, em seguida pôs-lhe na cabeça um elmo feito em brasa; depois mandou estendê-lo em um leito de ferro, aspergindo-o com azeite a ferver, e enfim acender-lhe por baixo fogo para o queimar. Mas o fortíssimo atleta dizia ao tirano: «Pela virtude de Jesus Cristo não sinto os teus tormentos». E de facto saíu ileso, espectáculo que converteu muitos gentios à fé. Então deu ordem o tirano para que o atassem a um poste e o crivassem de setas, mas não só nenhum mal lhe fizeram, como nenhuma lhe acertou; antes, tendo desandado uma, feriu e varou um olho a um dos algozes, que, por virtude do santo, recuperou a vista do corpo e da alma. Por fim cortaram-lhe a cabeça, rogando, segundo a tradição, ao Senhor, que onde quer que o seu corpo fosse sepultado, nem granizo, nem pedra, nem fogo, nem fome, nem peste fizessem dano; e depois desta oração deu a sua bendita alma a Deus. Santo Ambrósio faz menção de S. Cristóvão, e no prefácio da missa deste mártir glorioso põe as seguintes expressões que nos parecem dignas de copiar-se, porque reúnem em si um breve e elegante compêndio da vida do santo mártir:

«Vós, Senhor, — diz — destes a Cristóvão um conjunto de virtudes tão perfeito, uma graça de doutrina tão soberana, que por ele e por seus milagres converteu quarenta e oito mil pessoas, e afastadas as trevas da gentildade, em que estavam, as alumiou com a luz da fé. Levou à glória da castidade Aniceta e Aquilina, que eram públicas e más mulheres e, já calejadas na imundície e na desonestidade, ensinou-as a confessar a vossa fé, a morrer por ela e a receber a coroa. Além disso, deitado sobre o fogo, e apertado em um leito de ferro, não trepidou, nem pôde ser trespassado pelas setas, que um dia inteiro lhe atiraram os soldados; antes uma seta vazou um olho de um verdugo; mas o sangue do bem-aventurado mártir misturado com terra restituiu-lhe a vista, e livrando-o

da cegueira do corpo, iluminou também a sua alma. Alcançou perdão e graça para sarar as enfermidades por sua intercessão». Tudo isto é de Santo Ambrósio. Foi o mártir de S. Cristóvão no Século terceiro.

LENDA DE S. CRISTÓVÃO

Etimologia deste nome

Cristóvão, antes de se baptizar, chama-se Réprobo, mas depois foi chamado Critóvão (Cristoforo) que quer dizer «Porta-Cristo», porque ele trouxe Cristo de quatro maneiras: às costas, quando o transportou; no corpo, pela maceração; na alma, pela devoção; na boca, finalmente, pela pregação.

Sua vida

Cristóvão era Cananeu e de estatura gigantesca, tendo doze côvados (*) de altura e de aspecto terrível. Um dia lembrou-se de procurar o Rei mais poderoso do Mundo e encontrando um príncipe de grande poder entrou no seu palácio e, ficando junto dele, reparou que, quando certo momo cantava e falava muitas vezes no diabo, o príncipe se benzia. Perguntando-lhe porque o fazia, o príncipe, que era cristão, respondeu-lhe que temia o diabo. Então Cristóvão disse-lhe: Se temes o diabo é porque o diabo tem mais poder do que tu. Adeus, pois, eu vou à procura do diabo para o tomar como senhor.

Indo em procura dele, viu muitos soldados e um deles perguntando-lhe onde ia, ele disse-lhe que procurava o diabo. O soldado disse-lhe: o diabo sou eu mesmo, e Cristóvão, satisfeito, se lhe ofereceu como servo fiel. Um dia, passando ambos junto de uma cruz, o diabo assim que a viu deitou a fugir. Cristóvão, admirado, perguntou-lhe porque fugia e o diabo acabou por confessar que tendo morrido Cristo na Cruz, temia que Ele lhe aparecesse. Cristóvão em face disto lhe disse: Vejo que tenho andado enganado, pois Cristo, se tens medo d'Ele, é mais poderoso do que tu e então vou procurar Cristo. Dizendo isto, foi ver se encontrava Jesus.

Encontrou um ermitão que lhe começou a prègar a fé cristã dizendo-lhe: — Este Senhor, a quem desejas servir, pede que jejues com frequência. — Que peça outra coisa, porque eu não posso fazer isso. — É-te preciso rezar muito. — Não sei o que isso é; não posso portanto desempenhar esse officio. — Conheces estão este rio e os perigos da sua passagem? — Conheço. — Como és de grande estatura e robusto podes fixar-te junto dele, passando toda a gente, e assim agradarás a Cristo a quem desejas servir. — Sim, isso posso fazer. E nestas condições fez uma cabana junto do rio e trazendo na mão um pau para se sustentar na água, passava para o outro lado toda a gente sem excepção.

Um dia, estando a descansar na cabana, ouviu um criança a chamá-lo. Veio fora e não viu ninguém. Voltou para dentro e tornou a ouvir a mesma voz. Vindo ver outra vez quem o chamava, nada! Pela terceira vez, viu um menino sentado à borda do rio e que lhe pediu para o passar. Pôs a criança aos ombros e levando o pau para se segurar começou a travessia, mas a água engrossando cada vez mais e o menino a pesar como chumbo, puseram Cristóvão em sérios embaraços. Conseguindo alcançar a outra margem, disse: «Oh, menino, estivemos em grande perigo, pois pesavas tanto que parecia trazer aos ombros o mundo inteiro!» «—Não te admires, pois não só trouxeste o mundo mas Quem o criou. É que eu sou Cristo a quem serves. Como prova, quando chegares ao outro lado,

(*) Cada côvado equivale a 0^m,66 ou sejam 7^m,92 de altura!

enterra o teu pau no chão e verás que no dia seguinte estará reverdecido...» Dito isto, desapareceu. No dia seguinte verificou que do pau tinha nascido uma palmeira com folhas e tâmaras. Depois disto, maravilhado com aquele prodígio, converteu-se à fé cristã, tornando-se um verdadeiro apóstolo. Dirigiu-se para a Lícia, onde por meio da prêgação e de alguns milagres converteu milhares de pessoas. Tal foi a sua acção, que o rei começou a persegui-lo. Mandou prendê-lo, mas os soldados mandados para esse fim converteram-se também. Depois foi ele próprio entregar-se ao rei, que o quis fazer voltar ao culto dos deuses. Cristóvão recusa-se. Por isso sofre vários suplicios mas sai sempre incólume de todos eles. Duas raparigas que foram mandadas para o tentar no cárcere, convertem-se também à fé cristã. Chamava-se uma Aniceta e outra Aquilina. Por este motivo, a primeira foi enforcada e a segunda queimada viva.

Como nada conseguiu por este meio, o rei ordenou que o amarrassem a um poste e mandou que o crivassem de setas. Também não deu resultado, porque as setas não o feriram e ainda uma se desviou na sua trajetória e foi varar um olho do rei que assistia à cena. Então Cristóvão disse-lhe: «Pois bem, amanhã serei morto, e se quizeres ficar curado, toca com o meu sangue na vista perdida e ela te será restituída. No dia seguinte, o rei quis experimentar e assim fez. Recuperou a vista e acreditou no poder de Cristo. Abraçou por isso a fé cristã, bem como todo o seu povo.

Passemos então à descrição do templo.

Não é esta a primitiva igreja. Há quem atribua a fundação do templo primitivo a D. Martinho da Charneca, pelo facto de ele se encontrar sepultado numa das suas dependências. Ora este prelado viveu nos séculos XIV e XV e segundo documentos do reinado de D. Afonso II (1211 a 1223) já se fazia referência à igreja de Santa Maria de Alcamim, assim chamada primitivamente, como ficou dito.

Só no Século XIV começa a aparecer a denominação do actual orago S. Cristóvão ou, em abreviatura, SAM Xpovaõ.

Assim consta que, em 1308, assinou como testemunha Vasco Pires, reitor da igreja de S. Cristóvão.

O actual edifício, tudo indica que é uma construção do século XVII, tendo portanto escapado à acção destruidora do terramoto de 1755.

Segundo consta, por documentos da época, a parte mais atingida foram as torres, que ficaram por tal forma arruinadas que tiveram de ser apeadas e feitas de novo. Por uma gravura anterior ao terramoto, assinada por Zuzarte e hoje na posse de Sr. Dr. Celestino da Costa, assim se pode acreditar. O edifício da igreja está tão bem desenhado nela, que chega a parecer uma fotografia, pois apresenta-se como é hoje.

A fachada em estilo barrôco, embora de linhas simples, tem uma certa elegância.

A porta principal, de ornamentação sóbria, é rematada com um nicho onde se aloja a imagem de S. Cristóvão. Segue-se-lhe uma espécie de pequena galilé que dá acesso à entrada da igreja.

Na fachada norte abre-se uma outra porta, também de linhas elegantes, em tudo idêntica à porta principal, tendo na parte superior a seguinte inscrição:

CHRISTOPHORUM
TENET HAEC SEDES TENET IPSE
SONANTEM
EST ONERI SEDES VTRAQ' PARVA SUO

No interior é um templo relativamente espaçoso, de uma só nave, ornado exuberantemente por boa talha dourada, emoldurando por toda a parte uma profusão enorme de telas, atribuídas por Gonzaga Pereira, não sei com que fundamento, a Bento Coelho da Silveira. Seja qual for o autor, é inegável que se apresentam com muita perfeição. Tanto a talha como as telas necessitam de obras de limpeza e restauro, mas principalmente de limpeza.

Tem a igreja oito capelas.

A Capela-mor é, como as paredes da igreja, toda revestida de talha dourada, tendo nas paredes laterais duas grandes telas em bom estado de conservação, cujos assuntos são desconhecidos, embora se veja que a do lado da Epístola representa um festim ou banquete e a do lado do Evangelho uma cena de sacrifício de animais.

Por cima do altar e colado no arco do camarim, um sólio ou baldaquino que destoa por completo do conjunto e que foi ali acrescentado posteriormente. Entendo que devia desaparecer. Ao centro do altar uma bela imagem de grandes proporções do orago de freguesia, S. Cristóvão, com o Menino aos ombros e a vara tradicional na mão direita. Do lado da epístola, St.^a Luzia e do lado de evangelho a imagem símbolo da ressurreição de Cristo.

De cada lado da Capela e na parte inferior das credências há duas lápides bastante elucidativas quanto à data da fundação.

A do lado do evangelho diz:

ESTA CAPELLA HE DA
IRMANDADE DO SANTI-
SSIMO SACRAMENTO
DESTA IGREJA E A FIZE-
RAM A SVA CVSTA OS IR-
MAOS DELLA E SE ACA-
BOU NO ANNO DE 1671

A do lado da epístola:

A QUAL CAPA. LHES DERAO
OS RDOS. POR. E BENDOS. DES-
TA IGRA. COM AS CLAVSV-
LAS E CONDICOENS DA
ESCRITRA. FTA. NAS NOT-
TAS DO TAM. AVRELIO DE
MIRANDA EM OS 13 DE
SETBRO. DE 1672 ANNOS

No vão de arco uma teia de ferro fecha a capela.

Aos lados da capela-mór e no topo das coxias laterais, há mais duas capelas ornadas de talha dourada, em forma de concha. Na do lado da epístola encontra-se actualmente N. S. de Fátima.

Estava ali primitivamente a imagem de S. Cristóvão.

Na do lado de evangelho a imagem do Coração de Jesus onde antes esteve a de N. S. dos Prazeres.

Nas capelas laterais do lado de epístola a começar de cima temos na primeira, ao centro do altar, a já mencionada imagem de N. S. dos Prazeres

que antigamente tinha festa solene no dia próprio. Esta festividade era custeada por uma família estranha à freguesia. A Senhora, proprietária da casa Caldas, do Largo do mesmo nome e mãe das actuais Senhoras que lá vivem, no dia do seu casamento, que teve lugar na capela privativa da residência, após a cerimónia, ofereceu o vestido e o manto de noiva a esta imagem de N. S. dos Prazeres, onde por muito tempo se conservou.

No mesmo altar, em duas mísulas laterais, S. Braz e S. Francisco.

Na capela a seguir, o altar da invocação de N. S. da Piedade e em plano inferior St.^a Teresinha. Aos lados St.^s António e S. Sebastião.

Na última capela deste lado, numa maquete ou oratório, N. S. das Dores. Em penha inferior sobre o degrau da banqueta, N. S. de Lourdes. Aos lados N. S. do Parto e S. Miguel.

Nas capelas laterais do lado do evangelho, começando também de cima, a capela onde está o Santíssimo Sacramento. No alto um sólio como o da Capela-Mór, sem ligação com o resto, deve ser retirado.

Em cima e ao centro uma imagem de Cristo Crucificado. Em baixo S. Joaquim, Santa Ana, S. José e Nossa Senhora, tendo ao meio, sobre o sacrário, o Menino Jesus.

Na segunda capela do mesmo lado ao meio do altar, num oratório dourado, N. S. da Conceição. Aos lados, S. Marcos e St.^a Catarina.

A parte correspondente à terceira capela está ocupada com a porta lateral já descrita.

Além desta capela há mais dois vãos de cada lado da porta principal.

No vão do lado da epístola, sobre uma mísula, uma imagem de Cristo conhecida por Senhor dos Aflitos, em baixo encostada ao centro da parede, uma pia de mármore com belos labores do século XVIII.

No vão do lado do evangelho está o Baptistério.

Tanto estes vãos como as capelas laterais, têm na parte inferior belos azulejos policromos do século XVII.

A vedar as coxias laterais e a parte de cima do corpo da igreja, uma rica teia, que presumo ser de pau santo, com balaustres torcidos. A separar os diversos corpos da teia, acrotérios de mármore.

É de notar, com tristeza, que para encaixar dois miseráveis confissionários, não houvesse relutância em mutilar a teia, retirando os balaustres, do sítio onde foram adaptados. O actual pároco, Snr. Dr. José Aparício, ainda os foi encontrar num esconderijo. Tentou repô-los nos seus lugares mas já não estavam em condições de serem aproveitados.

A dar passagem para a parte superior, uma cancela de ferro forjado.

O teto de madeira, ricamente pintado, plano ao centro e caindo em curva suave sobre a cornija de mármore é dos melhores no género.

Entre a primeira e a segunda capela de cada lado da igreja um púlpito em madeira recortada.

Na sacristia, em cima do arcaz, que é de madeira do Brasil com boas ferragens de metal amarelo, a imagem de N. S. das Graças, a que o povo também chama de N. S. da Esperança. Esta imagem encontrava-se no altar onde hoje está a de N. S. dos Prazeres. Há também nesta dependência, dignos de registo, um relógio inglês de caixa axaroadada e um bufete de pau santo. Diz-se que de baixo do solho está uma lápide sepucral de D. Brites de Vilhena.

Neste edifício da sacristia há na parede, do lado de fora, uma moldura de cantaria cujo vão está entaipado, presumindo-se que seja uma antiga porta ou talvez um oratório.

Do lado da epístola, junto à Capela-Mór, existia a capela dos Mirandas, que foi utilizada depois de 1659 para sacristia da irmandade do Santíssimo.

Por este facto, foram os túmulos, que nela se encontravam, arrumados, ou

melhor, empilhados debaixo de um arco onde ainda se encontram. Esta dependência fica do lado da epístola na parte que dá para o Largo de S. Cristóvão quando sobe para a Calçada do Marquez de Tancos.

São estes túmulos dos seguintes indivíduos:

Arcebispo de Braga, D. Martinho, conselheiro de El-Rei D. João I e governador de El-Rei D. Duarte. Tomou parte em todas as batalhas contra Castela.

D. Fernando de Miranda, bispo de Viseu, capelão-mór de D. Afonso V. Entrou na tomada de Arzila e na batalha de Toro.

Fernão Gonçalves Miranda, e sua mulher D. Branca de Sousa.

Matias de Miranda, e sua mulher Genebra Ferreira.

Ana Dias, mulher do Dr. João Pereira.

Margarida Afonso, mulher que foi de Diagares.

Os ossos de Diagares.

Nas dependências da igreja, algumas em péssimo estado de conservação, há dignos de nota, alguns azulejos do Século XVIII. Os do cartório paroquial, do reinado de D. Maria I, são os mais interessantes. Nesta dependência, embebido na parede, encontra-se um belo armário de madeira do Brasil.

Junto da entrada para esta dependência, abre-se a escada de acesso ao coro e às torres. É toda guarnecida com silhar de azulejos brancos com faixas verdes, formando xadrez. Ao correr das paredes, em baixo e em cima, segue, entremeada, uma faixa formada por metades de azulejo policromo.

Existem actualmente duas irmandades nesta igreja. A do Santíssimo Sacramento e de N. S. da Conceição.

Da primeira, que se encontra em plena actividade, é juiz o Snr. Conde de Azinhaga, filho do Snr. Marquês de Rio Maior.

Os monarcas eram Juizes Perpétuos da Irmandade que, segundo se crê, eram recebidos numa sala do primeiro andar, hoje em péssimo estado de conservação, onde no tecto, forrado a tela, se vêem ainda, pintadas, as armas reais de D. Maria II. Num livro arquivado na igreja com páginas lindamente aguareladas, vêem-se as assinaturas de alguns Reis de Portugal. A primeira assinatura é de D. João VI e a última, com a data de 24 de Abril de 1908, é a de D. Manuel II.

Antigamente era esta Igreja possuidora de ricas alfaias e realizavam-se nela, com grande solenidade, certas festividades. As de maior vulto eram as da Semana Santa.

Hoje, além da missa dominical, às 11 horas, realizam-se neste templo as seguintes festas anuais:

Ao Santíssimo Sacramento com recepção do Sagrado Lausperene.

A N. S. de Fátima em Maio.

Ao Coração de Jesus em Junho.

No mês de Julho a festa do orago.

São estes pois, os elementos que achei necessários, mas suficientes para dirigir a visita de V. Ex.^{as} a esta igreja.

A quem tiver interesse de conhecer mais minuciosamente o assunto, não só no que diz respeito ao templo, mas muito principalmente à freguesia eu recomendo a leitura do livro «A Freguezia de S. Cristóvão» do nosso illustre consócio Snr. Ferreira de Andrade.

Lisboa, 24 de Março de 1946.



Mais uma fotografia curiosa.

O Passeio Público já lá vai. Os portões, as grades, as árvores desapareceram. Está no génesis a Praça dos Restauradores. As novas árvores e os novos candieiros, marcam os passeios traçados primeiramente. À direita a fatal barraca dos obreiros, fiscais e zeladores. Ao fundo, onde hoje se erguem o Eden Teatro, e o grande casarão com N.º 13, que é um ninho de escritórios, vê-se a fachada serena e banal do antigo imóvel, em cujos terraços foi o «divertissement», chamado «Recreios Wittoyme». O Pavilhão central servia para a entrada do teatro onde o grande clown Wittoyme desbaratou todo o dinheiro que tinha ganho nos outros circos. Os altos de São Pedro de Alcantara, formam o fundo-alto da fotografia.



1.ª CONFERÊNCIA BIENAL DOS AMIGOS DE LISBOA

TEATROS DA NATUREZA

Tese apresentada pelo Prof. ARMANDO DE LUCENA

Se voltássemos as páginas da História, em número bastante para recuarmos cerca de dois mil e quinhentos anos na marcha normal do tempo, encontraríamos no seu maior esplendor os teatros, funcionando ao ar livre, encostados nas vertentes das montanhas, onde as obras de Ésquilo, de Eurípedes e de Sófocles se desenrolavam com vagar e suma beleza ante as multidões da antiguidade. Era ali que a verdadeira expressão nacional se definia não só no antigo Ditirambo das festas vindimárias em que os jovens gregos encarregados dos *coros* apareciam vestidos com as famosas peles de cabra, mas na representação dos dramas, das comédias e das tragédias que, no século V atingiram o nível, por todos nós, bem conhecido.

No tablado daquelas grandes cenas se exibiram espectáculos sumptuosos pela opulência dos seus quadros, em plena Natureza e pela profundidade impressionante dos conceitos.

As tradições nacionais, o culto dos deuses e a consagração dos heróis eram ali celebrados em peças que, por força do seu elevado espírito, se tornaram eternas na memória dos homens e, mais tarde, serviram de norma para novos e fecundos empreendimentos de semelhante espécie.

Vêm de longe os primeiros teatros expressamente criados para o culto dionísico. Como o espectáculo, propriamente dito, se resumia a um *côro* instalado no recinto circular chamado *orquestra* e a um diálogo que o *corifeu* estabelecia com um actor postado na *cena*, a construção era, sob este aspecto, relativamente limitada e sóbria no seu arranjo arquitectónico que, além dos *prismas* (órgãos ópticos destinados a variar o efeito do cenário natural) pouco mais tinham que as duas entradas da ordem: a *hospitália* e a *porta real*. O resto, sim, é que era desenvolvido e de larga envergadura. À frente, a enorme massa das escadarias abria como se fôra um enorme leque de mármore com os degraus sobrepostos até à cumeada da colina que lhe servia de encosto. Assim eram os teatros de Diónisos, numa das vertentes da Acrópole de Atenas; do Epidauró, de Delfos e outros tantos de semelhante função e análogo aspecto.

Modernamente, levantou-se a hipótese dos actores representarem na *orquestra* com os *coros*, sendo o *proscénio* apenas destinado à aparição dos deuses, variante que em nada altera a significação do teatro.

A par dos *estádios* e das *palestras* — centros de cultura física espalhados por toda a Grécia antiga, — os teatros tiveram, ali, função proeminente, tão séria e de tão largo alcance como o próprio culto da perfeição plástica.

Bem sabemos ter sido o clima, em grande parte, o responsável de tais cometimentos artísticos ou culturais e, por essa mesma razão, de, noutros lugares de latitude mais ou menos próxima da sua, a tradição se continuou: primeiro, na velha Roma que edificou os seus teatros ao ar livre, embora não aproveitasse a vantagem das colinas para instalação de bancadas hemisféricas. No resto, pouca

foi, como se sabe, a diferença estrutural dos teatros romanos dos primeiros tempos. Mas os séculos giraram sobre o mundo sem que a pompa desses espectáculos ou a necessidade da sua expansão tenha arrefecido. O espírito moderno reconheceu-lhes o valor e compreendeu o alcance social destas representações de maneira a criar-se mais um gosto estético no rol dos nossos hábitos, fundando, em todos os países cultos, organizações teatrais da mesma espécie.

Assim, os primeiros exemplares conhecidos foram edificados no último terço do século XIX. Um dos mais antigos é o de Orange, elevado sob a direcção do poeta Pablo Marieton que em 1888 pôs em cena o «Edipo-Rei» com tal êxito e retumbância estética que, em todas as cidades onde ainda se encontravam ruínas dos velhos teatros clássicos, não tardou a sua readaptação, deste modo nascendo os *teatros da Natureza*.

Em França, por exemplo, começou-se por construir o de Cauterets, para 8.000 espectadores. Aproveitando as ruínas romanas da cidade, os franceses apresentaram em Tingad, na Argélia, a «Electra» e outras tragédias do mesmo tempo.

Além da majestosa colaboração da Natureza, os teatros ao ar livre tiveram já a aprovação de Vitruvius que os considerava higiénicos e recomendáveis. Estas virtudes não eram para despressar, ainda que os teatros em tais condições elevem o seu potencial artístico com as próprias surpresas que o clima lhes oferece. «O vento, movendo as folhas entre o vôo e o canto das aves, ou à noite, a luz do acetilénio que imprime carácter estranho e de impressionante solenidade à cena perdida na imensidade.»

Organizado por Charry, o Teatro da Natureza de Toulouse teve noites de verdadeira glória. Escolheu-se o lugar para a edificação numa pequena ilha enleada pelo rio Garona, região espessa de florestas, onde noutros tempos trovadores cantaram endexas de amor acompanhadas pelos murmúrios do rio. No meio deste cenário se representou a «Electra» e Polifemo», interpretada pelos senhores Silvain, da Comédia Francesa.

Ainda sob a mesma direcção, e no mesmo recinto, foi mais tarde representado o «Édipo-Rei», de Sófocles, por Mounet-Sully, e as «Euménidas», de Laconte de Lisle, e a «Fédora», interpretada pela grande comedianta Sara Bernhardt.

Próximo de Copenhague, aproveitaram-se os bosques de Klampeeborg para, neles, se talhar um soberbo teatro do mesmo género, cujo cenário da Natureza excede todos os recursos da fantasia, entre os quais, peças da cena clássica.

Todos conhecem o êxito artístico que o «Dietrich-Ecart» alcançou nas imediações de Berlim com os seus espectáculos ao ar livre como os que a Suíça organizou em Berna e em Zurique nos primeiros anos do século actual.

Tal foi a necessidade espiritual destes empreendimentos e tão grande o seu prestígio sobre a opinião pública que na própria Grécia, influenciada pelo poeta Angelos Sikerlianos, se fez a reposição não só do teatro como do próprio estádio de Delfos — centro espiritual, como se sabe, do mundo antigo. Tão longe foi o rigor dessa reconstrução que, pela primeira vez, ressuscitou a «máscara» nos personagens como os deuses, semi-deuses e titãs.

Em 1912, a Itália promoveu também a reconstrução do antigo teatro de Siracusa onde subiram à cena as mais célebres peças clássicas. O interesse do Governo italiano por esse movimento intelectual foi tanto e tão decidido que por sua causa, criou o «Instituto do Drama», organismo com foros de centro de alta cultura.

E assim por diante.

Por toda a parte, os teatros da Natureza se desenvolveram como necessidade imperiosa da cultura. Nem sempre as cidades comportam essas edificações, por vastas e movimentadas serem; recorre-se, nestes casos, aos seus arredores

como sucedeu em Versalhes e em muito outros arredores das grandes capitais como Berlim, Budapeste, Barcelona, etc., etc.

Em nenhuma cidade portuguesa existe coisa semelhante, embora tantas vezes se tenha reconhecido a necessidade de realizar espectáculos da mesma ordem.

Na sua falta, aproveitaram-se, já, como é sabido, o adro do mosteiro de Alcobaça para se representar «Inês de Castro» de António Ferreira; o da igreja de S. Marcos em Braga, para o «Auto de S. João», do nosso ilustre consócio Matos Sequeira; o da Sé de Lisboa, e o Parque de Palhavã, onde vimos o «Sonho de uma noite de verão», empreendimentos, aliás, levados a cabo com notável esmêro de forma e propriedade artística pela empresa Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro.

Com base nos exemplos expostos e no proveito estético que os referidos espectáculos trariam ao foro intelectual da Nação; reconhecida como foi a necessidade de recintos próprios pelas diversas tentativas do nosso Teatro Nacional, com louvável esforço realizadas em lugares de ocasião e sem condições precisas ao seu desenvolvimento; e ainda porque na própria área de Lisboa seria, talvez, possível criar-se obra compatível com o alcance destas realizações, tenho a honra de propor à Conferência Bienal, promovida pelos «Amigos de Lisboa»:

- 1.º — Que se estude se é ou não oportuna a fundação de um teatro ao ar livre, de grande lotação para representações clássicas, ou de carácter nacional.
- 2.º — Que, em caso afirmativo, se manifeste sobre o lugar mais apropriado ao estabelecimento desses recintos, atendendo-se às condições naturais enquadramento necessário, problemas de trânsito, etc., etc.
- 3.º e último — Que o resultado dos respectivos estudos seja transmitido, como sugestão, a quem de direito, e que o «Grupo dos «Amigos de Lisboa», dentro da sua capacidade de trabalho, acompanhe e anime o pensamento que, a transformar-se em realidade, certamente corresponderia a obra de grande proveito público e de não menos valor cultural.

ESQUEMA DE UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DE LISBOA

Tese apresentada pelo Prof. LUÍS CHAVES

Diz-se correntemente que Lisboa não tem etnografia, isto é, etnografia sua. Que uma grande cidade nunca tem etnografia definida. E, sendo Lisboa, uma grande cidade, não tem, nem pode ter, etnografia. Quer isto dizer no comum que Lisboa é desprovida de caracteres etnográficos, e, por consequência, não poderá ninguém fazer um estudo etnográfico da capital portuguesa.

Equivaleria a dizer, por absurdo que pareça, que Lisboa, como cidade, e como grande cidade, não tem geografia. Assim, Lisboa não teria etnografia nem geografia; não era possível fazer um estudo etnográfico da cidade, como não era possível fazer o estudo geográfico. Por pouco, Lisboa não teria história.

Que tem história, e larga história, todos nós o sabemos. Que se lhe pode fazer o estudo completo da sua ocupação geográfica e da sua extensão e desenvolvimento, muitos autores o têm provado, quer em trabalhos parcelares, quer em vista de conjunto. E ainda agora um catedrático de geografia, da Faculdade

de Letras de Lisboa, anda a expor, na sua cadeira de «Estudos Olisiponenses», lições magistrais de geografia da cidade.

É possível aplicar à população da cidade os métodos modernos da geografia humana. Por que não há-de ser possível também aplicar à mesma população os métodos modernos da etnografia?

Repare-se nisto: fundou-se Lisboa com elementos humanos, fôsem eles quais fôsem, desde que se não pode habitar um lugar sem habitantes. Mesmo que procuremos, por hipótese, determinar os primeiros habitantes, e já aqui o método etnográfico procura estabelecer por comparação ou analogia quais teriam sido, contaremos com a existência de um povoado com os seus caracteres específicos, isto é, com a sua projecção etnográfica. Este primitivo núcleo desenvolveu-se geográfica e humanamente, ou seja na ocupação da terra e nos homens, que nela se estabeleceram, pelos séculos adiante. Cada uma destas fases de laboração humana teve os seus caracteres etnográficos. No período português de Lisboa, a população transformou-se mais ou menos, provindo sempre do que era nativo, tradicional e contínuo, certos aspectos característicos; e provindo então, do que foi adventício, outros caracteres. E, na sequência dos tempos, estas correntes etnográficas alimentaram-se continuamente, uma, a nativa, pela própria continuidade e reforço dos elementos humanos de origem portuguesa, outra, a estranha, pela sobreposição, amálgama ou renovação, de caracteres vindos de fora.

E o que se diz desta série de influentes, repete-se hoje, embora com maior êxito de nivelamento, e concomitantemente com o menor poder de resistência da parte nativa.

Em qualquer cidade, hoje e sempre, revelam-se três séries de influências etnográficas, e, por consequência, três correntes, se lhes não quisermos chamar estáticamente, o que não está certo, três zonas etnográficas:

1.^a — a de conservação e persistência de caracteres antigos, essenciais, transmitidos por directa e imediata tradição;

2.^a — a de recepção e aceitação de valores etnográficos, antigos (tradicional), ou modernos (inovações ou transformações de valores antigos), quer por efeito de população estranha, estacionada ou fixada na cidade, quer pelo da moda transmitida pela imprensa, pelo livro, pela rádio-difusão, e fortemente pelo viajismo profissional ou de recreio;

3.^a — a de caracteres mistos, em que, bem ou mal, se tende à assimilação, se não à fusão de formas, difficilmente de almas, do que está e do que vem, do que é nativo e do que é recebido por importação.

Os primeiros são mantidos pelo concurso de valores provincianos, por manterem na cidade os seus costumes, e por conservarem relações íntimas com a província de que provêm. Os segundos são os que estão, como os cataventos, à espera dos últimos ventos, ou os que apenas têm por bem o que vai chegando lá de fora, os despaisados de Fialho, ou *déracinés* de Barrès. Os últimos oferecem limitada permeabilidade à invasão de características estranhas, e conjugam-nas com a correspondente e proporcional fraqueza de resistência, oferecida pelas qualidades nativas, ainda não obliteradas. Assim, uns manifestam feição etnográfica da origem; outros mascaram-na ou pretendem mascarar-la com os sinais de civilização, que não são nativos, e muitas vezes bem contraditórios com o nativo; por fim, vêm os que se deixam influenciar mais ou menos profundamente por correntes não nativas.

Todavia, em todos estes níveis se encontram caracteres etnográficos comuns, tanto nas formas externas como nas mais íntimas da sua vida individual e colectiva.

Independentemente destes estratos, cada um com seus aspectos, mais aparentes do que reais, sobrevivem tradições, costumes, práticas familiares e públi-

cas, superstições, artes e distrações, lendas e contos ou episódios anedóticos, etc.

É neste conjunto, que vai, desde as formas de aproveitamento e ocupação do solo, dos topónimos de serventias comuns, até às mais espiritualizadas expressões da alma dos habitantes, — é neste património da cidade que, vagarosamente e com método, o etnógrafo aplica os seus métodos, e estuda a vasta matéria do seu campo científico. É certo que pelos anos adiante, pelos séculos, vão-se deformando uns valores; assimilam-se, adaptam-se, desenvolvem-se, outros. E deste caudal procedem, com influências internas e sugestões externas, os caracteres etnográficos de determinado momento histórico.

Assim como se faz para avaliar o regime de um rio, considerando o que ele é, como se comporta em certa secção transversal, podemos convencionar no estudo etnográfico de qualquer povo ou povoação. Supomos o tempo em paragem, e nessa detenção buscam-se os caracteres demonstrados. Se aplicássemos o método a Lisboa, obteríamos um panorama em profundidade temporal. Completava tantos estudos de outra compleição e diferentes objectivos, que têm sido feitos. Levar-me-ia agora longe demais o desejo de exemplificar, por citações e por traslados de autores de várias e sucessivas épocas, a riqueza de materiais recebidos. Não interessa de momento senão o dizer-se que em profundidade e superfície, isto é, de ontem para hoje e na actualidade, existem os elementos suficientes para o estudo etnográfico e etnográfico-histórico da cidade de Lisboa. A permanência na renovação e a continuidade no desenvolvimento, características fundamentais da tradição, estímulo e acção de dinamismo, verificam-se na cidade como em todos os povoados progressivos. Estamos de acordo com a definição de Salvador Minguijon, no livro *Al Servicio de la Tradicion*: é esta «o desenvolvimento da natureza humana dentro da harmonia constante entre as suas faculdades diferenciadas.»

No estudo contínuo da etnografia lisbonense, teríamos de o dividir em fases, tanto quanto possível correspondentes às épocas da sua história. A caracteres e tipos históricos deverão corresponder caracteres e tipos etnográficos.

Dividi-lo-ia em capítulos como estes, que seguem: — *Lisboa arcaica*; — *Lisboa na história pré-portuguesa*; — *Lisboa na história portuguesa*; — *Lisboa na topografia cidadina e nas relações com os povoados do termo*; — *Lisboa na população*; — *Lisboa nos costumes, nas lendas, nas crenças do povo*.

Cada um destes capítulos teria número maior ou menor de parágrafos, conforme a extensão e variedade no assunto. Assim:

I — *Lisboa arcaica*:

- a) — vestígios locais e circunjacentes de povoados primevos;
- b) — lendas da fundação da cidade;
- c) — hipóteses científicas, actuais.

II — *Lisboa na época pré-portuguesa*:

- a) — lendas clássicas de Lisboa e dos arredores, transmitidas pelos autores romanos;
- b) — tradições e costumes de origem romana, germânica e mourisca;
- c) — lendas e tradições, orais e escritas, dos primitivos tempos cristãos, com as suas igrejas, as perseguições e os mártires;
- d) — lendas e tradições do tempo da conquista do território e da cidade;
- e) — monumentos e documentário deste período olisiponense.

III — *Lisboa na história portuguesa*:

- a) — a Lisboa afonsina ou dos «Afonsinhos»;
- b) — a Lisboa da revolução do Mestre de Avis e do cerco dos Castelhanos;

- c) — a Lisboa dos Descobrimentos e das Conquistas;
- d) — a Lisboa felipina;
- e) — a Lisboa da «Restauração»;
- f) — a Lisboa brigantina;
- g) — a Lisboa pombalina e do terramoto;
- h) — a Lisboa das guerras civis;
- i) — a Lisboa romântica;
- j) — a Lisboa do século actual.

IV — Lisboa na topografia:

- a) — Lisboa arcaica e sua situação;
- b) — aproveitamento e ocupação por povos estrangeiros;
- c) — seu alargamento, defesa e domínio territorial;
- d) — aprovisionamento terrestre, fluvial e marinho;
- e) — fases de desenvolvimento.

V — Lisboa na população:

- a) — povos primitivos;
- b) — povos invasores;
- c) — elementos populacionais no tempo da Conquista da Cidade;
- d) — contribuição do Reino e do estrangeiro para o povoamento da cidade e seu termo;
- e) — estabelecimento de colónias estáveis e de população temporária ou periódica, designadamente profissional, na cidade;
- f) — influência da população colonial na demografia lisiponense;
- g) — influência de colaboração estranha, por via comercial, industrial, artística, militar e política;
- h) — sectores, bairros, edifícios, costumes, tradições, ligados à fixação populacional das «desvairadas gentes» na cidade.

VI — Lisboa nos costumes, nas lendas, nas crenças (folclore):

- A — a) — a habitação (estrutura, aspectos e materiais, guarnição e mobília);
- b) — a habitação pública ou accidental, não familiar (hospedarias, pensões e pousadas);
- c) — arruamentos, bairros, toponímia;
- d) — artes e ofícios, ligados à habitação familiar ou à casa gremial, seus arruamentos profissionais;
- e) — transportes (terrestres e fluviaes; ligações marítimas);
- f) — aprovisionamento da cidade, vendas e vendilhões;
- g) — as águas, sua procedência, uso e distribuição;
- h) — trajes e adornos pessoais (tradicionalis, estranhos, adaptados);
- i) — iluminação;
- B — j) — vida religiosa; lendas, devoções, costumes;
- l) — os actos capitais e solenes da vida familiar (o nascimento, os aniversários, a primeira comunhão, o casamento, os funerais, etc.);
- m) — culinária e mesa (refeições, pão, cozinhados típicos, doces, bebidas, conservas, etc.);
- n) — vida social (interfamiliar e pública);

- o) — diversões e festas, periódicas e acidentais, particulares e públicas (gerais, masculinas, femininas, infantis, profissionais, etc.);
p) — danças e cantigas, pantomimas e cortejos ou desfiles.

Não pretendo entrar em pormenores de maior profundidade. Como esquema de prova e de possibilidades, basta o que fica dito. Dentro de cada capítulo podem aumentar-se em número e densidade os parágrafos correspondentes, como também é razoável considerar maior número de capítulos, quer desdobrando os que estão apontados, quer designando outros.

Sucede sempre em estudos de conjunto, e especialmente nestes, repetir elementos e factos em sectores diferentes, tanto porque a influência ou valorização e localização dos factos o exigem, como porque, na verdade, são muitas vezes múltiplos nos seus efeitos e na sua aplicação.

E aqui está o que pretendia demonstrar. Como no final da demonstração de um teorema, apraz-me repetir q. e. d. (*quod erat demonstrandum*).

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

S. A. R. L.

CAPITAL: 80.000.000\$00 • FUNDOS DE RESERVA: 81.000.000\$00

SEDE: 95, RUA DO COMÉRCIO, 119 — LISBOA

Filiais — Porto, Coimbra, Braga, Faro, Covilhã,
Ponta Delgada — (Açores)

Agências — Abrantes, Espinho, Estoril, Gouveia,
S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Man-
gualde, Torres Vedras, Tortozendo, Moura, Figueiró
dos Vinhos, Guardã, Matosinhos, Olhão, Montijo,
Montemor-o-Novo e Villa Franca de Xira

Dependências urbanas (LISBOA) — Alcântara, Al-
mirante Reis, Benfica, Conde Barão e Poço do Bispo.

EFFECTUA TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

TELE { FONES: 58135-58136
GRAMAS: MALHAS



MARCA REGISTRADA

CÓDIGOS { ABC — 5.ª Edição
RIBEIRO

SIMÕES & C.ª, LIMITADA

AVENIDA GOMES PEREIRA — BENFICA

FUNDADA EM 1907

A mais importante fábrica de artefactos de malha
do País. Fabricação de meias, peúgas, camisolas e
rouparia de malhas para homens, senhoras e crianças,
em algodão, lã e sêda

CRIADORA DA BEM CONHECIDA E AGREDITADA MEIA «SUPERKALIO»
E DAS ROUPAS «SUPREMA»

«Queremos ser amigos da Inglaterra, mas não queremos que a Inglaterra nos espolie»

Do livro:

O «ultimatum» visto por António Enes

Com um estudo biográfico-histórico

per

F. A. Oliveira Martins

Pedidos à

Parceria A. M. Pereira

LISBOA

AGOSTINHO CABRAL
PINTOR E DOURADOR

Móveis dourados
Molduras douradas e enceradas
Pinturas e decorações em salas

RUA DA ROSA, 193 a 197

Telefone 20425

Eduardo Gomes Cardoso

CONSTRUTOR MECÂNICO

AVENIDA 24 DE JULHO, 26

End. tel.: EDCARD Tel. 60239

LISBOA

Máquinas para a indústria corticeira.
Máquinas para a Indústria de conservas.
Geradores de gás pobre para lenha, desperdícios de madeiras, antracites e carvões vegetais.

Bombas centrífugas e rotativas

Transmissões: veios, uniões rígidas e de fricção (embreagem), chumaceiras de rolamentos esféricos, automáticas e de tipo Sellers

Construções e reparações mecânicas

DESENHOS E ORÇAMENTOS

Telef. 2 0244 Teleg. PAPELCAR

Papelaria

CARLOS

de Carlos Ferreira, Lda.

34, RUA DO OURO, 38 LISBOA

Especialidade em livros para
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Grande sortido de artigos para
DESENHO E ESCRITÓRIO

EM PLENA ACTIVIDADE RENOVADORA

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

apresentou em Dezembro de 1946
o navio-motor **REVUMA**

e apresentará em 1947 **dois** paquetes, **três** cargueiros e **um**
cargueiro grande e **dois** navios de cabotagem, **num total**
superior a 50 mil toneladas.

A **C. N. N.** ao serviço do Império
leva o nome de Lisboa a todos os mares do mundo

LISBOA

RUA DO COMÉRCIO, 85
TELEF. 2 3021

PORTO

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 73
TELEF. 1434

ÂNGELO G. RAMALHEIRA

— ENGENHEIRO CIVIL —

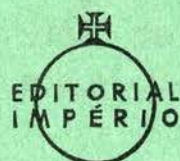
CONSTRUÇÕES
PROJECTOS DE ESTABILIDADE
BETÃO ARMADO

Av. Oriental do Parque Eduardo VII, 14, r/c.-E.
TEL. 4 9313 — LISBOA

— e —
Rua Fonseca Cardoso, 20, 2.º
TEL. (provisório) 5150 — PORTO

UM BOM LIVRO
UM BOM JORNAL

SÓ NA



MARCA REGISTRADA

COMPOSIÇÃO MECÂNICA



TRABALHOS GRÁFICOS
EM TODOS OS GÊNEROS



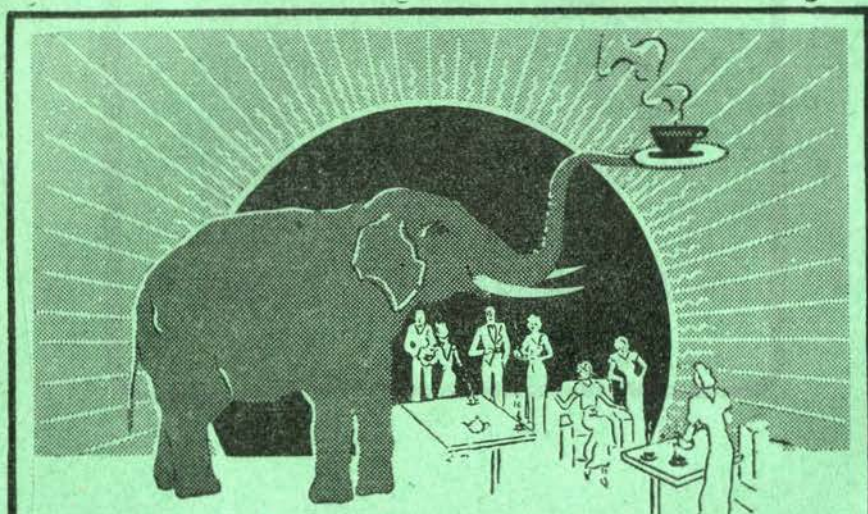
151, RUA DO SALITRE, 155 — LISBOA
TELEFONE P B X 5 3 1 7 3 / 4

Os «Amigos de Lisboa»

Preferem, para os seus seguros, a

IMPÉRIO

Uma COMPANHIA DE SEGUROS que honra Lisboa



CHÁ CELESTE

preto e verde, uma delícia!

COM
GÁS



Um bom jantar!

PUBL. C.R.G.E

VINHO DO PORTO

« GRAHAM »

« Emperor »
« Five Crowns »
« Six Grapes »
« Imperial Dry »

— « Tawny » Velhíssimo
— Muito velho e sêco
— « Vintage » Velho do casco
— « Ruby » Leve



GUILHERME GRAHAM JNR. & C.^A

Rua dos Fanqueiros, 7
Lisboa Tel. 20066-9

Rua dos Clérigos, 6
Porto Tel. 880-1

Distribuidores no Sul

JOSÉ LUIZ SIMÕES — LARGO DO CHIADO, 17 — LISBOA

EXPOSIÇÕES



GRÁFICOS

Recortes, letras em madeira e cortiça
Trabalhos de Carpintaria e Marceneria

Tel. 21483

◆ 42, RUA DA VINHA, 42-A ◆

LISBOA

E. PINTO BASTO & C.^A L.^{DA}

L I S B O A

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS
CARVÃO — SEGUROS
REPRESENTAÇÕES (Industriais, etc.)
EXPORTAÇÕES — TRANSITÁRIOS
E T C . — E T C .



NO PORTO

Kendall, Pinto Basto & C.^a L.^{da}

ESTORIL

COSTA DO SOL

A 23 QUILÓMETROS DE LISBOA / EXCELENTE ESTRADA MARGINAL
Rápido serviço de comboios eléctricos—Clima excepcional durante todo o ano

Todos os desportos: Golf, (15 buracos), Ténis, Hipismo, Natação, Esgri-
ma, Tiro, etc.
Estoril-Palácio-Hotel: Moderno e elegante — Magnífica situação.
Hotel do Parque: Todo o conforto — Anexo às termas.
Monte Estoril-Hotel: (antigo Hotel de Itália) completamente modernizado.
Estoril-Termas: Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico. Aná-
lises Clínicas — Gimnástica Médica — Maçagens.
Tamariz: Magníficas esplanadas sobre o mar. Restaurante-Bar.

PISCINA de água tépida — SALA de ARMAS
ESCOLA DE EQUITAÇÃO — STANDS DE TIRO

CASINO:

Aberto todo o ano
Cinema — Concertos — Festas
Dancing — Restaurante — Bars
Jogos autorizados

Informações: — Soc. Propaganda da Costa do Sol — ESTORIL

FRANCE

Ministère des Travaux Publics et des Transports

Commissariat Général au Tourisme

Direction Portugal

68, Rua de S. Domingas à Lapa, Lisboa



As maravilhosas riquezas dos
museus de França esperam-vos

Ouvivesaria da Guia

FUNDADA EM 1875

JOIAS — OURO — PRATAS — RELOGIOS

Rua Martim Moniz, 2-10 / Telefone 28336
Rua da Mouraria, 7-11 LISBOA

AUTOMOBILISTAS

livros técnicos que devem possuir e

« O AUTOMÓVEL »

como é feito e funciona. Á venda:

JOSÉ FRANCISCO D'OLIVEIRA
Rua do Amparo, 94-1.º Esq.º — LISBOA

Romão & Comp.ª

Antiquários

47, R. D. Pedro V, 51
Telefone 28441
LISBOA

Companhia Colonial de Navegação

Serviço de carga e passageiros

LINHA DA COSTA ORIENTAL

Saídas mensais, com escala por Funchal, S. Tomé, Sazaire, Luanda, Lobito, Moçamedes, Lourenço Marques, Beira, e Moçambique e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeito a baldeação.

LINHA DA COSTA OCIDENTAL

Saídas mensais, com escala por S. Tomé, Sazaire, Luanda e Lobito e mais portos da Costa Ocidental sujeito a baldeação.

LINHA DA GUINÉ

Saídas mensais, com escala, por Funchal, S. Vicente, Praia e Bissau.

LINHA DA AMÉRICA

para Filadélfia

LINHA DO BRAZIL

para Rio de Janeiro e Santos.

FROTA

VAPORES DE PASSAGEIROS:

«Serpa Pinto» . 8.267 ton.
«Mousinho» 8.374 »
«Colonial» 8.309 »
«João Belo» 7.540 »
«Guiné» 3.200 »

VAPORES DE CARGA:

«Benguela» 9.000 ton.
«Lugela» 8.340 »
«Huambo» 7.060 »
«Luongo» 7.056 »
«Pungue» 6.290 »
«Bailundo» 5.650 »
«Malange» 5.050 »
«Lobito» 4.200 »
«Buzi» 2.160 »
«Sena» 1.420 »

ESCRITÓRIOS

LISBOA

Rua do Instituto Virgílio Machado 14
(à Rua da Alfândega)
Telefone 30131

PORTO

R. Infante D. Henrique, 9
Telefone 2324

Romão & Comp.ª

Fabricantes
de Balanças

Fundada em 1778

13, Cruzes da Sé, 29
Telefone 26613
LISBOA



CASA DOS PANOS

A primeira casa
da especialidade

Sortimento completo em
panos brancos e de côr
e em linhos de todas as
larguras

45, R. DOS FANQUEIROS, 49
(à esquina da Rua de S. Julião)

Alberto Alves Natário

Encadernações simples e de luxo

Vivenda Yolanda
Bairro da Mina
AMADORA

Miguel A. Fraga, L.da R. da Palma, 26-28—LISBOA

TELEFONE 28503

Ouvivesaria, relojoaria e joalheria

Grande sortido em MONOGRAMAS
em ouro e prata para carteiras

Nã sempre jóias em 2.ª mão

Tudo mais barato

Compra-se Ouro, Prata
e Brillhantes

Descontos especiais a todos
os «Amigos de Lisboa»

Especialidade em Anéis, Meda-
lhas, Alfinetes, etc., com retra-
tos esmaltados

Bertrand (Irmãos), Lda

Fotogravura

Tipografia

Fotólito

Desenho

R. Condessa de B... 27... T. L. 212/20 21227